

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

nº 307

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Dr. Moreira Fontes, Affonso Dornellas
e Henrique Ferreira Lima

A responsabilidade dos escriptos publicados n'este boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam ellas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as fórmãs, o amor da archeologia e da arte».

MONTE MÓ SINHO

Tendo estado, há pouco, na freguesia de Canelas, concelho de Penafiel, próximo a Entre-os Rios, num dia em que andava à caça no monte Mósinho, que se alonga pelas freguesias de S. Paio da Portela, Eja, Canelas, Capela e Figueira, e donde se disfruta um extenso e lindissimo panorama, encontrei restos de raças primitivas e indícios de povoações remotas.

Nos dias seguintes, vistoriei êste monte e deparei com seis mamunhas bem visiveis: duas no sitio de Cortelhas, quatro no da Portela da Cruz e duas no da Cruz do Frade; embora estes grupos não distam muito uns dos outros, o primeiro está em terreno pertencente à freguesia da Capela, o segundo à de Canelas e o terceiro a da Eja.

Estes monumentos megaliticos acham-se colocados à beira do caminho.

Os homens prehistóricos já acreditavam na immortalidade, como o provam evidentemente o facto de porem junto dos defuntos machados, armas, objectos de adorno e outros instrumentos que lhes pertenciam para na outra vida proseguirem nos seus habitos guerreiros e laboriosos; e o de abrirem nos esteios de algumas antas orificios para por êles introduzirem ofertas aos mortos, e por isso mesmo erigiam os sepulcros dos seus parentes rente aos caminhos, a fim de que os viandantes se amerceassem de êles, socorrendo-os.

Este costume transitou para os romanos, que igualmente la-deavam as estradas de tumulos; e mais tarde para os católicos que, quando, fóra de casa, lhes faleciam de morte violenta ou subita algumas pessoas da familia, levantavam nas beiradas do caminho mais próximo uma *Cruz* ou um nicho denominado *Alminhas*, na esperança de que os que por ali passassem, sabendo que perto morreu um homem, lhe sufragassem a alma com as suas préces.

Há costumes nos povos que difficilmente se podem extirpar, e este parece-me um dêles.

As mamunhas do Monte Mósinho têm, como a maior parte das encontradas em Portugal, as lages inclinadas de fóra para dentro, e estão profanadas e incompletas, tendo umas lages deslocadas e outras lages partidas, exceto uma das de Cortelhas, que se encontra inteira, bem conservada, sem nada lhe faltar.

E não me admira que estes monumentos, attribuidos a povos anteriores aos iberos e celtas, e que antes de êles habitaram a Peninsula Espanica, devendo, portanto, contar mais de quatro mil anos de existência, estejam meio derruidos, atenta a sua remota antiguidade.

Hoje são rarissimos em Portugal, aonde outróra existiam aos milhares, por incuria dos Govêrnos, que pouco ou nada se têm importado com o estudo e conservação das reliquias da civilização antiga; só depois da Lei de 28 de Agosto de 1721, promulgada a instâncias da «Academia Real de História Portuguesa», ordenando o registo e conservação dos monumentos antigos, é que neste país se começou a respeitar estes megalitos venerandos; mas não tanto quanto era necessário; pois que o povo ignorante tem continuado e continua a desmanchar as mamunhas para lhes aproveitar o material, ou para melhor poder, no recinto interior descobrir tesouros escondidos, julgando-as esconderijos de preciosidades em tempo de guerra, e tendo para si que os mouros, antes de serem expulsos, esconderam nelas riquezas e dinheiro para rehaverem quando regressassem; de modo que estes monumentos de seculos remotissimos tendem a desaparecer neste país.

Não obstante as minhas investigações minuciosas, não encontrei nestes sepulcros objectos de pedra, osso, nem quaisquer artefatos antigos, apenas pedregulhos, dois pequenissimos fragmentos de tijolo e dum vaso de barro, e alguns de pedra polida fraturada.

Além destas reliquias dos povos dos tempos imemoriais, encontram-se, em vários pontos deste monte, restos de povoação romana, como alicerces de pequenas casas circulares e rétangulares, de edificios maiores e de recintos fechados, fontes, etc.

No lugar vulgarmente conhecido pelo nome de «Mosteiro das Freiras», vêm-se restos de alicerces dum vasto edificio, que o povo afirma serem dum convento de freiras franciscanas; mas esta asserção parece-me pouco fundada, estou convencido de que aquella construção data da occupação romana e fôsse um convento de vestais, atendendo ao onomastico, ou um templo romano.

E se me não engano, há em Vale d'Avelha, terreno da freguesia de Canelas, vestigios da via romana, que, partindo do Balneário das termas de Canavezes e passando pelo Balneário Luso-romano de S. Vicente do Pinheiro (Entre-os-Rios), S. Paio da Portela, Portela da Cruz e Portelas (aonde se pagava a portagem, como indica o nome local — portela), pelas Minas dos Banjas, da Serra do Raio e de Valongo, e pelo Castelo de Aguiar de Sousa, se dirigia para o sul, atravessando os viandantes em barcos em Crestuma, e ia entroncar na Vila da Feira com a via que passava de Braga para Lisboa.

Esta estrada devia indubitavelmente ser muito frequentada por se dirigir às magnificas estâncias das águas minerais de Canavezes e de Entre-os-Rios, a que concorriam muitos enfermos de terras longinquoas, atraídos pela grande fama que estas *aquae calidae* e sulphurosas gosavam, e também por se conduzirem por ela para Lisboa os preciosos metais das Minas de Valongo e da Serra do Raio, tão celebrados por Plinio.

Nos sitios da Biquinha e d'Amião existem duas fontes de água nativa perene e purissima, que sai por caleiras de pedra lavrada, de aparência antiquada.

Na encosta nascente dêste monte, na povoação de Meixede, havia muitas sepulturas rupestres, feitas sôbre a rocha nativa; mas atualmente só uma está inteira, faltando-lhe apenas a tampa; e na encosta poente, próximo da Igreja paroquial da Capela, quando, há anos, se rasgou a estrada que vai de Curveira para Recarei, fôram descobertas algumas sepulturas romanas, que um proprietário daquela freguesia aproveitou para a construção dum muro.

Portanto o Monte Mósinho foi incontestavelmente habitado pelos povos da idade da pedra e pelos romanos; oferece assunto de verdadeiro interesse para estudos archeológicos; e é muito provavel que, se ali se fizessem algumas excavações bem dirigidas, se encontrassem objectos de valor estimativo.

Pôrto, Novembro de 1919.

ABADE VIEIRA DE ANDRADE.

RECTIFICAÇÃO

O Pelourinho de Turquel (1)

No catálogo dêsse Museu, o pelourinho da antiga vila de Turquel tem a designação de «pelourinho do couto de Évora». Foi lapso de quem organizou o catálogo, e bom seria fazer a devida rectificação.

Conheço muito bem o pelourinho de Turquel, do qual tirei um desenho quando êle ainda figurava num largo desta povoação. Por isso, quando, em 1884, visitei o Museu do Carmo, notei o apontado lapso ao seu illustre fundador e director, Sr. Possidónio da Silva, que recomendou a um empregado tomasse nota da minha observação; a necessária rectificação, porém, nunca se fez.

Turquel e Évora eram dois coutos distinctos e independentes, do que não duvidará quem examinar, como eu o fiz, a carta de povoação dada a Turquel na era de 1352 (1314 do nascimento de Christo) e o foral que dois século mais tarde se lhe concedeu, — foral de que ainda aqui existe um velho exemplar, em pergaminho.

Notarei, a propósito, que Silva Leal, no *Boletim* dessa prestimosa Associação (tomo x, 4.^a série, n.º 6, pags. 270 e 271), publicou um artigo com gravura, em que a proveniência do pelourinho em questão é apontada. Intitula-se *O pelourinho de Turquel*.

Évora (de Alcobaça) tinha também o seu pelourinho. Vi-o algumas vezes, há talvez mais de quarenta anos; uma noite, porém, despedaçaram-no. Dêle apenas resta a base ou encaixe da respectiva coluna, espécie de pia que, num quintal d'aquella povoação, tem servido de bebedeiro de galináceos.

Quanto á imagem que figura na parte superior do pelourinho de Turquel (*de Turquel* e não de Évora, — insisto), admiro-me de que no catálogo se diga que é a do Dom Abade de Alcobaça. Porquê? Pelas vestes e attitude parece antes uma imagem religiosa: Santa Bárbara, talvez, *como tradicionalmente aqui se dizia*; ou, segundo a iconologia christã, N. S. da Conceição, orago da paróquia erecta nesta localidade sete anos depois de lhe ser concedido o foral.

.....
Turquel (Alcobaça), 3 de Janeiro de 1920.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

(1) Carta dirigida à Direcção.

LIBRO DE LA YNCLITA CAUALLERIA DE CRISTO EN LA CORONA DE PORTUGAL

O código cuja reprodução se segue faz parte do volume n.º 648 da Colecção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa. Este volume tem na lombada *Papeis antiquissimos. Mordomias da caça da Rainha a senhora D. Catharina*, designação que se refere aos documentos que constituem em grande numero o resto do volume.

O código começa na fl. 410 do volume (numeração a lapis). Está incompleto, começando na fl. 51, faltando-lhe todas as anteriores. Não tem rosto, faltando-lhe a indicação do titulo e autor. Em vista, porém, do titulo que encima a 3.ª parte, natural é que o titulo do manuscrito seja o que acima foi posto.

Quanto ao seu autor, natural é que fosse pessoa que acompanhasse Filipe II de Hespanha, quando veio a Tomar fazer-se jurar rei de Portugal. Assistiu ás côrtes então ali celebradas como se depreende da leitura, e assistiu em Tomar á sagração de um bispo em 22 de Fevereiro de 1589.

As folhas são numeradas em cima da parte direita da frente. E' escrito em bela letra redonda do século XVI, tendo cada folha trinta linhas ordinariamente. A transcrição é feita textualmente.

A parte existente começa no final do capitulo 21.

Os capitulos que faltam, tratavam muito provavelmente da Ordem do Templo e da instituição da Ordem de Cristo.

Nos capitulos 21 a 29, trata-se da descrição do Convento de Tomar e da vida nêle.

De fls. 73 a 90v segue a *Regla de los freyres de la ynclita cavalleria de la Orden de Iesu Christo sacada de la del glorioso padre Sant Benito*.

A fls. 91 começa o *Libro segundo de la ynclita cavalleria de Christo en la Corona de Portugal*, que se prolonga até fls. 154.

Fazem ainda parte do código mais quatro folhas, escritas posteriormente noutro tipo de letra em que se trata das *Encomendas que*

ai en la Orden de Christo en este año de mil i quinientos e noventa i lo que rentan i quien estas tienen.

A pessoa que escreveu estas quatro folhas corrigiu e anotou á margem todo o códice.

O códice acha-se relativamente em bom estado, mas o papel está muito gasto mostrando ter tido bastante uso.

Os primeiros capitulos são muito interessantes pela minuciosa descrição do convento, que, nas partes em que ainda hoje se póde verificar, se vê ser perfeitamente exacta.

A ultima parte é tambem interessantissima pelas indicações que fornece sobre pessoas nos diferentes mestrados e pela descrição das côrtes então realizadas no convento.

Parece que este códice não foi conhecido dos vários autores que teem publicado trabalhos sobre o Convento. Segue o códice.

GARCEZ TEIXEIRA.

Despues adelante seyntentaron otras nouedades mas no tuuieron efecto yasi uenido El Rey don Philipe nro Señor y visto elconuento y su rreligiosa manera deuiuir laestimo y precio mucho y asi tiene siempre grancuenta conhaçer le merçed por uerle tanobseruante pi-diendole decontino q̄ le encomiende adios loqual haçen los religiosos con mucha frequentacion como sus fieles capellanes.

Seminario

Siempre los Reyes de Portugal despues quencorporaron esta orden alacorona tuuieron quenta con mirar que no huuiése falta la buena administracion della en lo espiritual y como aya tantas yglesias aqueacudir conprecisa obligacion determinaron proueer atodo yasi fundo el rey don Iuan eltercero en coymbra un colegio paraq̄ alli estudiacen los religiosos artes y Theologia porque doctos ysuficientes pudiesen gouernarlas uicarias y curazgos queles encomenda-sen yse hïssiesen ydoneos para las sillas obispales q̄ estauan cria-dos yse hauian de yr criando entodalaconquista de lasyblas y yndia oriental esto del colegio tuuo muy buen efecto porquecomo se fue-ron criando personas uirtuosas ydeexemplo e doctas començaronles a encomendar algunos abispados. despues el Rey don sebastian continuando esto quiso quedentro del monasterio se criase un semi-nario ogenero descuelas adonde los Religiosos se hiziesen doctos en diversascosas que necesariamentespertenceen a losque quierem ser-perfectos eclesiasticos para esto mando q̄ lacathedra degramatica

que se leia en la uilla de Thomar se suuiesealconuento porque leyendola religiosos traeria mas prouecho a los costumbres de los estudiantes y el exerciciodelas letras creceriamas yasi sepusieron preceptores vno de mayores e otro de menores los quales leen alos Religiosos y mancebos delconuento y atodos los naturales delatierra adonde se hace conocido prouecho Tiene ansimismo continuamente un curso delogica y Philosophia condos lectores diputados yel uno q̄ lee deordinario yelotro para suplir el numero es de doce adelante los quales acauado su curso uaalcolegio delauniuersal de coymbra examinados primero porcomision del gran maestre el qual senala undoctor paraq̄ los examinadores de lahorden aprueue o reprueue losq̄ hallare suficientes yofaltos y luego se pone otro de nueuo. Juntamente conlos monjes estudian otros estudiantes porquescomun escuela y asi estan las aulas en lugar acomodado paraq̄ puedan entrar losq̄ quisieren sinque entren enlaclausura.

Despues entra lacathedra de casos de conçiençia laqual tiene otros dos padres uno q̄ lee siempre elotro para suplir la falta delotro. aqui se hace mucho prouecho nosolo alosreligiosos del conuento mas alaclerecia detodala tierra porq̄ como es mucha y ay gente muy cruda conuiene q̄ aya medicos mayores. adondelas enfermedades son menos conocidas yasi los obispos examinan seueramente alosconfesores losquales por no uerse em peligro procuran acudir aesta lection tanprouechosa. y porq̄ para ser unõ clerigo perfecto conuiene q̄ sea cantor tambien ay publicos maestros decanto llano ycanto de horgano todos estos quensinan son Religiosos monjes y son elegidos porsu capitulo generale e remouidos si conuiene por los diputados delaorden conestabuena diligencia hacrecido el numero delos Religiosos doctos quetanto halley o dentro delconuento ueynte y cinco theologos. fuera de los q̄ estan enotras partes ocupados de manera q̄ puede muy bien sumagestad seruirse de muchos religiosos delles. nosolo para uicarios de yglesias comunes mas paraobispos y quedar lacongregacion conuastante numero de hombres doctos. es esta reformation destos religiosos tanensu pureça que por nodesampararla y que setenga enpie tratan con muchas ueras q̄ su magestad no sesirua dellos para fuera de laclausura massilospidiere anselededar porestar sujetos como a su maestre yel summo pontifice obligarlos por sus bullas aqueconforme al rigor de su profesion y hauito y paraq̄ fue ynstituayda latalorden sirvan las yglesias q̄ le fuerenencomendadas. mas ningun Religioso hade procurar elbeneficio ni priorato por q̄ por la mesma raçon se hace yncapaz delo quepor sus buenas partes tenia merecido y esto uaste paralodel seminario.

Del templo y yglesia del conuento de Thomar con todo loque haze al proposito. cap. 22

Cierto es q̄ la yglesia del conuento de Thomar tiene lamas particular traça ynuencion q̄ yo heuisto ni ay en españa ysupe muchos años a pasando por este monasterio q̄ estatraça se hallo porque asi estava la yglesia delsepulchro delsalvador yq̄loscaualleros templarios como uiuián en Jerusalem en muchas partes hazian sus yglesias aaquelmodo yquesta fue una de ellas mas hazeseme aspero decrer esto porque losque descriuen lacapilla del sancto sepulchro nrrresponde conesta traça y enlosmonesterios que yo heuisto antignos desta orden sea en francia y por diuersas partes despaña no hallo cosa q̄ parezca aeste en fin sea loq̄ fuere q̄ laprimera traça del templo q̄ yo heuisto aeste talle eselque yoquiero aquí pintar lomejor q̄ yo supiere.

Primeramente estaesobra delprimero maestre deltemple en los reynos de Portugal llamado don Gualdín paez quees elquemas illustro loqueoy es Thomar. Labroseprimero unacomodigamos capilla ydentro se le traço otraobra que hiziese capillamayor olugar adondestuuiese el altar mayor yaesta llaman charola q̄ propiamente es comounasandas otauernaculo con sus columnas y chapitel q̄ lacubre pero pintemos primero lacapilla q̄ propiamente es la yglesia ydespues hablaremos de laotra diuision que haze lafigura destacapilla es sesagona queesuocabulo proprio de Architectos quedando le enuio lenguaje supiedad espreza quetiene diez y seys compartimientos enyqual distancia los unos de los otros sualturaterapoco mas omenos sesentapalmos y deçircunferencia mill yquatroçientos. Estos diez y seys angulos juntanse unosactros conunos pilares de medio reliene deobra toscana conpuesta yantigua y lospilares uancontinuando se astaloalto adonde lavoveda comienca abolver.

Entre estos compartimientos estan tres divisiones queuan adorando lapared q̄ es depiedra alprincipio estanunos retablos consus altares y enlomas alto otros retablos mayores porq̄ lasdeauazo veanbien las historias q̄ enellos estanpintadas en laterceraordem ay atos vazios que parecen paneles detablas rasas dedicadas para pintar enellas otras figuras pero estan enel muro yconstuque tiene lapared muy lisa yuistosa por hauer pintado yercese q̄ amuchos anos questan asilos diez y seys compartimentos q̄ esta capilla tiene los catorce estan ensuprimer estado losdos Rompieronse paradarentrada alayglesia ydarlevista yasi dentrambos se hizo unarco para q̄ elchoro uiese elaltar como lodiremos. Este templo que yo hepintado

endospalabras tiene en su capacidad y hueco unas andas depiedra q̄ ellos llaman la Charola porque en pörtugues una mesmacosa son andas q̄ charola y charola que andas. Es la dicha charola octogona ecomonosotros decimos ochauada estas partes ydivisiones se hacen como ocho columnas que suentanas tanto quanto es laaltura del dicho templo.

Entre pilar y pilar que da un intercolumnio que en lo alto se unen acopequeno de punto entero sobre que descansan las represas de los pilares o pilastros que así los llama la arquitectura los cuales sirven propiamente de chapiteles y son de orden toscano y antigua. esta charola o andas responde con la misma obra de la iglesia o capilla mayor como yo la llamo en proporción subduple por q̄ los pilares de la parte fuera son diez y seis y los que están en la charola interior son ocho mas q̄ ocho a los cuales responden ocho arcos de la capilla y los otros ocho arcos sirven para descansar en ocho represas que están sobre los menores arcos q̄ dixe que hacían los pilastros o columnas de la charola que está en medio de esta capilla o iglesia. tiene esta capilla con marañoso orden repartidas seis ventanas muy capaces con sus grandes vidrieras que allende de que son de mucha importancia para dar luz a toda la iglesia hermosean en el estremo por acompañar todas aquellas ymágenes de que está acompañada toda la iglesia. tiene esta capilla un lugar muy uastante para andar por entre los altares que están en la capilla y la charola por que tiene de anchura por lo menos buenos veinte y dos palmos de manera que hace su teatro como las iglesias catedrales para poder hacer procesiones en sus principios toda esta obra fue de sola piedra sin algún ornamento salvo aquel q̄ en aquel siglo permitía q̄ era tener sus vasas y chapiteles al rústico y toscano sin algún lustre. en pero el muy inconstante Rey Donmanuel digno de memoria. Eterna por esta obra y otros muchos que hizo Revistió toda esta así de estroñas pinturas como de muchas figuras echas de yeso con tanto arte y curiosidad de medio relieve que parece que es el ingenio de los maestros al perfección del arte y así se ordenó la labor que las figuras y vasas quedaron perfectísimas y a los mayores no les faltó nada. en todos los respaldos y obliquidades están las labores asentadas debajo relieve o sobre blanco o oro y todo causa admiración al ingenio por ser mucho suprimir y dan que considerar las muchas menudencias que allí se ven entre un pilar y otro de la capilla comenzando desde lo alto van catorce compartimientos que sirven de retablos pintados sobre la misma piedra pero restucada y mas bruñida por que toda la obra es al fresco q̄ es otra hermosura son estas labores y pinturas la historia de los misterios de nuestro señor Jesu xpo vasando mas auajo por el muro y pared de la iglesia ay otra

orden derretablos mayores quees la segunda de tres que decimos que tenia estos son mayores y demas sutil pintura porser sobretablas e assi ay excelentes y mages tambien dela vida deel señor y desu sancta madre. Lavltima orde derretablos es demor contidad por questanen proporcion delos altares en quedicen misa y destosnose dicen las ystorias quecontienen por quecada vno tiene sua abocacion y titulo porestar estayglesia tan ocupada. detan estremadas pinturasnoay nesceidad denlas fiestas dentapiçarla porquesearia agrauio atodalaobra porser tan perfecta y alos artifices que mostraron tambien sustalentes.

Yteen ay enesta capilla vnos cõpartimientos sobrelos pilares enterretablo yrretablo que tienen vnprofeta que hazen numero dedoce destatura cada vna mayor queelnatural. de rrelieuo entero muy hermosos y bientratados vestidos al estilo desutiempo tienen alos pies sus peañas demadera entallada y dorada y sobrelacauèça vna copula delo mesmo adondeestá encajado y parece esto tan al natural piedra que sinose mira admiracion. con atencion pensaron que al premier maestro dela capilla hico lascolunas y las ymages con sulauor de vnapietra. Elaltar mayoresta dentro delacharola oandos. levantado del suelotres grados la dedicacion suia ymages deño señor jesuxpo conforme esel titulo dela orden y este crucificado deproporcion asto grande esta solo elcrucifijo yencajado envnocomo arco hazenen proporcion los pilastres oculunassobre que arma la charola y asedenotar quela cruz enqueestaelcristo escomo la queprostamos ladelos ladrones porquy aconsta que no auia a diferencia dela deellos ala dexpo en nada pordonde creo queaquello que do des deelprimer maestre que trajo dejerusalem latraca quando vino dealla ala mano derecha esta ñra Señora Amortecida y sanjuan Evangelista que la acude y la esfuerca y alaysquerda estan las tres marias mirando. aquel nuevo espetaculo y todas estas figuras son mayores quelas que acavemos naturalmente pero todas estremosas enproporcion y que verdadera mente son debotissimas. en lo ynterior dela charola tambien ay que ver porque dela manera queenlo quees capilla mayor estan los doce profetas tambien aca ay doce sanctos debulto mas quenaturales assi como sanpedro y sanjuan bautista y otros los quales tienen fijos los ojos enel santo sacramento el qualesta colocado envn sagrario rrico quellega al caluario del crucifijo delante del qual arden simple treslamparas deplata y alavanda dela epistola estavnaltar pequeño adonde se pone laplata parael seruicio deel altar que llaman credencia. Los altares destayglesia que como estatraçada esredonda no los tiene alalarga por que propriamente no tiene cuerpo porque solo es capilla y asi los altares

que estan desta manera que como vemos las capillas que estan en los trascoros de las yglesias catedrales asi estan aca los altares losquales son once por esta orden puestos en medio de la yglesia y enfrente de el mayor allado de la epistola mayor al amano derecha comienza el altar de san antonio de padua y luego se continua el de san sebastian que es el segundo y llamasen el preuilegiado por sacarse alli vn anima depurgatorio en cada misa que alli se dice cuya bula alcanço el Rey don sebastian para ynperpetun El tercero es el del padre san Benito cuya regla profesan estos caualleros el quarto es el de san Bernardo que ellos tienen como por padre por profesar el ynstituto de la orden de cistel el quinto es vn capillita pequeña pero rica mente obrada y de botissima que es yntitulada ala Reyna del cielo sobre la qual estala torre de las campanas en esta arde siempre vn lanpara de plata y ala entrada de la mano derecha estase pultado Don lopez de sosa maestro desta caualleria como se dirá en su vida aqui vimos uestir en pontifical al Ill.^{mo} arcobispo de braga don fray Agustin de castro o de jesus monje agustino para resceuir el palio de mano del obispo de fez y fue acompañado, asta el altar mayor lo qual fue a veynte y dos del mes de febr.^o del año de mill y quinientos y ochenta y nueve.

Bolviendo otra vez a ponernos enfrente de el altar mayor mirando ala mano izquierda comienza el sexto altar de san gregorio papayel setimo es el de san jheronimo el octauo es el de la madalena Por no caer mas en este cí mi círculo que ua aciendo la pared y muro de la capilla se vieron de hazer otros tres alas espaldas del altar el de medio que esta puntualmente detras de el santo sacramento es el sepulcro y es el noueno el decimo es el de san juan bautista y el vndecimo es de san laçaro Esta capilla puede tener en su grueco muy bien los ocho altares por que es su muro de quinze palmos en grueso y asi por el grueco ay escalera por donde se sube ala torre de las campanas adonde otro tiempo estubo vn cenobio que los del monasterio llaman charolinhá armada sobre veynte y ocho pilares la qual derrius vn rayo Tiene la torre muchas y buenas campanas y entre las otras ay vn desesenta quintales. y otra de veinte y las demas que son vn poco menores y son en numero de nueve esto es quanto a lo que es yglesia que como queda advertido es sola la capilla y uengamos al cor que es la otra parte deste templo.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edifício Histórico do Carmo

Del coro y comose hase el oficio divino enel capitulo veinte e tres, 23

Como outro tiempo estuuiese el coro yadondeseacia el oficio divino enestaylesia nose halla tanclaro como yo quisiera mas delo queley y oy sesaca enlimpio esto. El ynfante don Enrrique otauo maestre y administrador queriendo poner enfacion esta orden pasarlos freyles clerigos aloalto del castillo y que hiciesen eloficio divino alli y fundarles moradas y que fuese monasterio no pudo haberlo todo porque quando se hase denprender vna gran obra enlo mas principal esconocer la yassi el comenco a entruducir á quelos frailes que servian en sancta maria del oliuar viniesen a acer losoficios del oratorio y començaron atenerpor coro lo de dentro delacharola y tauernaculo dejando todo lo demas delacapilla paraelpueblo que acudia. Y enesto guardauan el rrito antiguo porquelatribuna o coro adondese juntaua el clero herapegado conel altar mayor yesto esdho cancelos como se saca *de socrates* en su ystoria eclesiastica y de anfilocho obispo deyconia enla uida de san basilio y avn oy bemos algo desto enlas yglesias catedrales de Lisboa Leon y elpuerto despues entienpo del Rey don manuel sauemos que se puso enla feysion que oy uemos aeste templo añadiendole elcoro que es vna delas mejores piasas que ay en españa demadera ni creo que la aya ygal saluo el coro del III^e monasterio de san bernardo deosera en galicia enelovispado de orense queestetiene grandeça e magestad masestecoro queoyvemos nose hico propriamente paralos rreligiosos clerigos mas p^a capitulo de los caualleros porque sufinhera quealli se celebrasen sus capitulos y assi lo hico contanta magestad como luego diremos y por que auia nesceidad q̄ oyesen misa estando alli y queria queestuuiesen con deçencia Rompio vngran arco qualoy lo vemos para que saliendo enfrente del altar mayor les seruiese de Capitulo y coro y despues como vino larreformacion comenco a crecer en mucho num^o de Religiosos ysetrato del culto divino con mucha coriosidad siruio de coro estando tracado tan a proposito esto es algo de lo que yo Eleydo mas a mi me parece que avn que seaverdad queal principio se hico estapieça para capitulo despues que mando abrir elarco fue para coro de los clerigos mientras no hacían capitulo los caualleros y este fin tuuo y persuademe aesto por que veo quecomenco allafuera otrocapitulo alto para los caualleros. otro deuajo para los rreligiosos dejando el otro para coro pues auia salido tambien latraça despues que seabrio elarco para hermosear estapieça elRey don manuel hiço unanauegrande en

hancho largo y alta demarauillosalauor porque ella tiene tres cupulas conqueparece largui sima ysulauor esestraña sufortaleça es para durar mill siglos. Estanaue por si sinlo demas quela adorna da que mirar pordefuera por quecomoes muy alta losmasnoble del monasterio es ella y qual quiera que uieneael por qual quiera parte pone losojos enlaobra porsobrepujar alos demas Edeficios tiene vnacoronacion depiedra hermosisima yalasespaldas adondesta la clarauoya pordonde le entra laluz estanlas armas delos Reysdeportugal acompañadas devn lado dela cruz dexpõ y dela sphaera añadida poreste Rey contanta gracia ymagestad que para ponerse por obra Ex.^{ma} notiene otrafalta mas queestar encubierta y adonde nosepuede ver sino es entrando por lo muy ynterior del monasterio pero dejemos esto paralos ojos delos curiosos que lo quisieren ver sipasarenportomar y boluamonos al coro ynterior.

Tiene ochenta y quattrosillasyen medio vna demayor magestad enlaqual nose asienta. Sino su maestre estodalaobra destecoro de borden que linage derrobte traydo de flandes dequese vsa mucho enel Reyno deportugal estoda sulauor de talla tiene porlos espaldares queson muy altos puestas los ystorias y figuras de muchas cosas que caualleros dela Orden hicieron endiuersos tiempos queno haciera daño sauerlas niparèscieram mal enesta queuamosescribiendo sobre todo tiene vna coronacion o guardapoluo de marauillosa mano yen quelos ojos delos curiosos pueden emplear-se y no creo que de maderasepuede pedir mas enfin porel dilata el coraçon del que lovee por ser muy claro y tanes pacioso y como dije tener tantas cosas que mirar. Elatril o facistol que em portugal llaman estante tambien da que mirar porser muy grande y capaz de libros grandisimos parael coro los quales son Ex.^{mos} y muchos y de grande letray punto y vasta para prueua desto pues conserel coro qual loemos pintado todos los monjes cantan y leen desde sus sillas con mucha facilidad y distencion.

Allemuy pocas sepulturas notables enestayglesia y larraçon es porque quando fue combento de templarios aqui no auia mas queel castillo y vn oratorio que era esta capilla quetan menudamente Emos pintado. Lodemas que tocava al ocultodivino todo hera abajo enlavilla adonde estaua lapropria parrochia quees la que oy es. y llaman sancta maria del oliuar y alliestaua el combento y asi se enterrauan enellos queellos llamauan maestros segunpareçe por las sepulturas de don Gualdinpaez y uasco fernandes y otros y el primero maestre de xpõ llamado don Gil martinez tambien se enterro enesaparrochia por no estar dificado combento adonde agora louemos y como la orden teueo su asiento pordiuersas partes asi tambien seenterrauan alli adonde morian como en castro marin y tambien que

vbo pocos maestros y los mas despues que entro El ynfante don-enrique fueron personas rreales y tiuieron sepulturas señaladas deaquí vino enterrarse pocos enestayglesia delconuento y asi noay enello mas que vn maestre quefue donlopediaz desosa como lodiremos ensuuida. donprioses perpetuos tanpoco sehalla sinodos fueron don nuño gonçalez y dondiego de gama. Esta aquí sepultado alaentrada delacapila deñra señora adondeesta el maestre donlopediaz desosa elrreformador y domprior perpetuo fray antonio da silva dela orden desanjeronimo caualleros Ill.^{es} quefueron comendadores ay muchos sepultados mas pornoser constituidos endignidades no ay para que nombrallos peropor que ay mas que decir del servicio dela sacristia mealargare unpoco mas.

Siruese El choro con notablecuriosidad y Reuerencia porque allende delsummo silencio y grauedad cõ q̄ los monges estanema-rauilla la destreça detodos encantar porq̄ paraesto ay muchos maestros y discipulos ay que tambienlopodrian ser. Para el servicio del choro ay todolonecesario porquetiene vnalibreria depunto llano quellega apasados de diezmillducados aunq̄ secrete quele costo al Rey don Juan mas de diez yseis mill y como estos padres recasen el breuiario Cirterciense antes q̄ uiniese elbreuiario Romano Reformado tenian otra libreria desolaetra para losdias feriales q̄ nose canta porq̄ sedeciael officio entonado quetanbiencosto otragrã summa de ducados laqual yanosirue denada. Mas uoluiendo ala libreria delcanto llano sonquarenta tomos de la mayor Grandeça que puede hauer de Pergaminos y Rica y fuertemente enquadernados teniendo yerros y cantoneras y lodemas lasarmas Reales y SPera diuisa o empresa de los Reys de Portugal y la lacruz de xpõ todo contanto primor vaciado queno ay mas que pedir ni desear tiene mas capilla decanto de organo de Excelentes voces porquelos portugueses comoseham naturalmente aficionados alamusica procuran esmerarse entener buenas boces y por esto encomum todas las yglesias y monasterios hazenlos officios con mas debocion y assi son mas frequentados de gente tambien ay rrica lebreria y mui costosa de canto de organo por quetodas las fiestas solenes se haze el officio com mucha musica. tiene el choro dos horganos juzgados por las mejores piezas del Reyno de Portugal principalmente el horgano mayor tiene particular ynuencion yes questando el allado dela Epistola enelchoro metido en lapared dela capilla mayor tiene uncaño q̄ es elcontrauajo tangrueso como una buena uiga ay enlolargo suproporcion esta dela otra parte del choro el lado del evangelio pegado alarco q̄ tiene el choro y rigese por deuajo de tierra porque tiene su guia por el suelo dela capilla y suele por alli elayre y conesto

haze su armonia con el mesmo concierto q̄ los demás canones. pero estangrande elestruendo y ruydo que hase queno se oyen los q̄ hablan ya questo representa mas magestad que neçesidad las ceremonias q̄ seguardan en el choro son las Romanas al estilo de la orden de Sant Hieronimo por q̄ el quehiso larreformaçion fue frayle de este ynstituto y como los Hierominos tienen por principal exerçiçio el del choro asi en Thomar se frequenta mas que otra cosa alguna y los Religiosos q̄ son diestros en el canto y lo continuan son juzgados por dimas prouecho y asi los theologos y letrados nose desdeñan de ser grandes coristas por que sauen que principalmente estan dedicados al culto divino.

De los demas Edificios de este tan real monesterio y primero tratemos de sus claustros ca. 24.

Quando se comenco a avitar este assiento adonde agora esta el convento ya dille que fue en tiempo de don Enrique por que el labro vn claustro y el primero que bo en este monesterio entonces se començo alguno edificio no muy grande ni suntuoso y veese ser asi pues el Rey don Manuel dio orden para que todos los clerigos freires viuesen dentro del conuento y para eso leshizo algunos Edificios.

Hizo ocho claustros en este monasterio cada vno de los quales tiene sus ofiçinas rrespetatiuamente segun que caen mas a cuenta para el seruiçio de los religiosos el primer y mas antiguo es la claustra vieja que por ser la primera y mas antigua se llama ansi y sirue de pocas cosas no tiene altos pero tiene en medio vn naranjal Ex.^{te} y fresco este hiço el ynfante don Enrique que y esta agora entre vnos Edificios y casas viejas que seruieron de palacios. del Rey don Manuel y otras quellas man casas de la Reyna por que este Rey y Reyna tuuieron mucha afiçion a este conbento.

1. claustro

Andando vn poco mas para el ocidente ay otra claustra antigua y es la segunda en antigüedad la qual hizo el mesmo ynfante don Enrique y tiene claustro alto Hizo la pintar toda assi por las paredes como lo alto de los suelos el Rey don Manuel. Renouando la sirue agora de lavatorio de los avitos de los religiosos los quales sauon auany lauauan sus cogullas y áuitos por que tiene junto vna cisterna de agua.

2. claustro

3. claustro

Mas avajo, comonos vamos metiendo para el convento y inmediatamente se sigue otra claustro que hizo el mismo ynfante y Maestre don enriq̃. la qual no tiene altos y tambien la pinto el Rey don Manuel pero yano ay rrastró de la pintura por las paredes avn quasi por el techo por que fueron Muchas veces rreuocadas tiene esta claustro ocho retablos al olio pintados de singular mano los quales abren por las fiestas solenes con que el claustro queda hermosisimo porque a cada canton ay devn angulo vn quatro retablos juntos son las figuras de nuestro señor y su sanctissima madre las mas hermosas y de lindo talle que creo que ay entoda Europa y no se q̃ mas hermosos rostros ay en el mundo labrados de pincel sirve a esto claustro de cimiterio de los rreliĝiosos por estar muy junto y como dada a la yglesia este claustro tiene sus compartims para sepultura de diversas personas en vn angulo se entierran los rreliĝiosos que viuen en el cõvento En el segundo los frayles clerigos que siruen beneficios y son curas de las yglesias y pueblos de la orden que siruen y mueren quatro leguas de la villa de Tomar en el otro estan sepultados los caualleros de la orden que mueren en las mesmas quatro leguas de el dicho convento porque ay constitucion y difinicion que manda q̃ los que murieren dentro de este termino se han traydos a sepultar al convento en el quarto se entierran los donados y combersos que son aquellos que antiguamente llamauan los orjentos y estan bastante claustro que para todos ay suficientes sepulturas tieneste claustro vna cisterna de que se prouee la sacritia de agua para sus nesce cidades y por el entran a ella tiene cada angulo cinco arcos de punto entero y por pilares vnas coluñas duplicadas que lo hazen mas fuerter y mas hermoso.

4. claustro

Los demas claustros que aqui separuan y todas las otras obras son del Rey don Juane el tercero que se estremo en hazer los grandes y hermosos que sin duda segun que lleuen tanta arquitectura y mpossible es sino que busco oficiales y maestros diestrisimos saliendo de esta claustro para el ocidente pasando por vno corredor que se sea al coro dando al buelta para otro corredor que se encamiña al dormitorio en el medio de la ala parte norte o setentrion se entra otra claustro que llaman de la os pederia tiene altos y vajos yes vnas de las obras que se hizo en comenzando la rreformacion y es muy grande espaciosa toda de calicanto las colunas del claustro vajo son al modo de obradorica las de arriba de obra compuesta en entrambas ay capiteles y muy gentil talla consus architraues frisos y cornijas en el alto van vnos rremates a modo de jarras que hazen obra de magestad y rreal portodo el rredor desta claustro estan las ospederias para toda diferencia de personas porque avn que benga el Rei en ellas ay aposentos y pieças acomodadas sin que a los rreliĝiosos se les ynquiete su

quietud ni paresca que ay allí monesterio y eslaospederia y caridad que aqui se hase tanta atodo linaje de personas y estados que apenas se puede creer principalmente arreligiosos por ser mui encomendada la ospederia enlarregla deelpadre San Benito y ay enesto tanta cuenta queprimero adefaltar ala comunidad q̄ a losguespedes y personas nesceitados que acuden alcombento pero dejemos esto que en otro lugar se ablara dela liversalidad rreligiosa com que gastan susrentas.

Desde este claustro vanpor vnpequeño corredor a otro claustro 5. claustro pequeño pero gálan y muy comun porser paso parayr alcoro y vndormitorio del qualablaremos quando setrate delos dormitorios poreste banalporteria y es alta y vaja todaesdecalicanto y porser como paso es mui frequentada hasta aqui pueden llegar losrreligiosos y no pueden llegar ala porteria avuquees ynterior aqui enlo vago ay vn altar adonde dizem misalos legos y gente de casa porquesta la puerta delayglesia mui atras mano.

El sexto claustro es muy grande y estendido alrrededor delqual 6. claustro estanlas mas principales ofecinas comoes laprocuracion la casa adonde se libranlos negocios deel combento todas las entradas para cocinay ornos contodo lo demas quees necesario para vna tangran machina como ay eneste monesterio todaella y las ofecinas son derrica pidra con muchas colonas vasas y capiteles demucha arte y deobra dorica y compuesta ytodos los aposentos son de bobeda en medio tiene vna cisterna delas mas capaçes que ay entodo el Reyno de portugal por quetiene tanta agua quejamassuio agotada sino quando lalimpian estaecha condoscompartimientos queel vno va encaminado al nouiciado por donde va el agua nescesaria para el y la demas que dapara lacocina y orno y para otras muchas nesceçidades del monesterio exterior por que para los monjes ya ay otros poços dedonde se proueen y la causa de auer tantas cisternas espor queel monesterio no puede tener fuentes por ser su asiento altisimo y notiene agua natural por que o es llouediza para el seruicio del combento o del Rio para beber.

Otroclaustro tiene depiedra avn queno tanprincepal como los 7. claustro otros peroes nescesario parael seruicio delacasa esta cercado deldormitorio por dos partes tiene vna gran cisterna con mucha agua que sirue pararregar ciertos naranjales que seuan poniendo y estaagua a decorrer buenespacio de tierra avnfuera del monesterio para los dhosnaranjales que se hande acreçentar.

Sobretodos los claustros el mayor e mas Ex.^{te} esel querresponde alayglesia y grandormitorio cuiatraça y architettura por ser tan Ex.^{te} y e de lo mejor queay enespaña sepodra descriuir mal mas ya queesto nose podra haser bien alomenos rrascuñaremosla. 8. claustro

Primeramente el Rey don Juan el tercero auiendo Edificado en este puesto otra claustra hasta Ex.^{te} y quenose podia dezir queno hera buena mas como nolesaliese a gusto la obra y le hallase algunas ymperficiones lamando luego derribar con hasta sentimiento de los que la auian visto hazer mas como el Real animo jamas sufría ymperficiones quiso quela obra se començase a hazer de nuevo y como esto no pudiese poner emperficion por auerlo lleuado dios asugloria por premio de tantos seruiçios com le auia echo la serenisima Reyna doña catalina que entodo seguio su voluntad por ser tan buena y tan rreal determino llevar esta adelante y assi se fundo en tiempo de el Rey don sebastian la claustra vaja hasta algunas pilastradas de arriba y asi estuu sin continuarse el Edeficio hasta que despues vino arrear la mag.^d del Rey don philipe el qual como el que es tan conoedor del bueno y de los Edeficios y traças dellos por ver este tan aventajado en muchas cosas y que sin su liueralidad y rreal mano no podia proseguirse viendola quando vino al combento a ser jurado Rey de portugal mando que se llevase el Edeficio adelante y quenociesase hasta se acuar lo qual luego se puso en obra estoda de piedra blanca muy galana que en portugal llaman piedra de sobreduero por aver alli venas de Ex.^{tes} piedras que sera como decir encastella la viega piedra de honoria todolodelos claustros vajos es obradorica en que van veintey quatro columnas de casi treinta palmos en alto com sus vasas y capiteles son las columnas de entero rrelieve y estan arrimadas y recostadas a vna pilastrada que la hazen tan hermosa como fuerte y entre vn pilar y otro se hazen tres arcos que ynchen vna quadra de la claustra los quales arcos son de medio circulo y de medio punto y lo uiuo dellos por lo alto o techo es artesonado de la mesma piedra y deçendiendo aloderecho de pilastro estan vnos techos para y magines que se han de poner en ellos estas columnas bandendos endos y sobre ellas se carga vn architrabe de la mesma orden dorica y hermoso friso con vnas metopas y sucornija encima de grande projetura que haze ala orden dorica muy hermosa.

Encima deste primero claustro ay otro alto el qual va continuando con otro orden que es el jonico con las mesmas columnas de endos endos en sus vasas y capiteles de esta traça y ornamento porque los arcos de arriba salieron muy anchos y no dauan lugar para los leuantar ordeno el sauio architetto vnos pilares apartados de la pilastrada con que el arco se haze mas estrecho y con esta manera de pilares quedala obra mas hermosa tiene esta claustra tantas menudencias que notar ha en sus compartimientos dichos y tarjas todas tan entalladas que no tiene otra falta sino de tiempo para mirar cada cosa menudamente y yngenios que sepan conoerlo perfecto del arte tiene

este claustro el suelo enproporcion y andar delayglesia porque por este se han de hacer las proçeçiones solemnes y poresto tiene ensus capillas y lugares adonde se pongan altares y los suelos sondeladrillo muy liso e delicado.

Despues sobre este claustro ay una sobre claustra quees decir quietiene mas terrados descubiertos alos quales subenpor vnos caracoles hasto galanes yapacibles sonestos terrados o ayrados dela mesma piedra que lo demas delos claustros y estos ayrados como tambien losclaustros altos queestan devajo dellos tiene portodo el Rededor vnos petriles de valustres depiedra excelentissima echos atorno conque dan atoda laobra estrana gracia auajo elpatio que es muy proporcionado estatodo enlosado demuy linda y lisapiedra yenmedio estaunpoço de mucha obra yalli junto vn lauatorio q̄ responde al Refectorio contoda curiosidad labrado tienen los suelos delos Angulos sus losas enproporcion porq̄ uanordenadas detres entres susconcha que son sepolturas y consus cintas y diuisiones viene atener cada angulo doce muy gentiles sepolturas por donde seue que enlos quatro angulos ay quarenta yocho piedras grandes todas de yqual medida yproporcion finalmente esta claustraes tal q̄ entodo Portugal noayotra q̄ leyguale yeslaprimera y dicen architectos grandes quentoda españa notiene segunda alomenos yo nola heuisto tal y comunicando congrandes maestros q̄ anuisto grandes traças yobra no anuisto otra mejor.

Veina aqui aproposito poner el capitulo q̄ espropiò deste lugar por hedificarse entodás partes enlos mesmos claostros es excelente pieza porq̄ es de vna naue y tiene tres capillas pero noes alto aunq̄ tiene proporcion no esta aun acauado nipuestos susasientos nilodemas q̄ adetener paraq̄ dar lapieza qual conuiene para q̄ responda contan excelentes obras ynose adexado deacauar porque ya no (1) estaria ensuperfeccion mas porq̄ como hadehazer otro devajo de vno q̄ dexo traçado el Rey don manuel anse detenido empero comoaquel ua muy despacio este se cree que seruira por grandes años estodo este capitulo devoueda y tanllana que pareçe demadera pero fuerte y muy Ricamente labrada tiene enlargo oncellanes de piedra entalladas y los capuchos sondeladrillo yestoda de calycanto y tiene una capilla pequena ensualtaryantes dentrar aeste capitulo tiene unreçeimiento grande q̄ es una pieza quadrada delomesmolabor yechura quelmesmo capitulo yel esta devajo del choro demanera q̄

Capitulo

(1) Este *no* acha-se riscado no códice (*N. R.*).

siempre tuuieron los antiguos ojo aque uuiese doscapitulos uno para la caualleria y otro para la Clerecia.

Dela Sacristia Reliquias y cosas preciosas q tiene el conuento de Thomar. Cap. 25.

Despues que emos salido delo que es el templo con todas sus partes serabien que mostremos lo que ay en la Sacristia que todo sera un testimonio de la liberalidad de los maestros y supiedad y Religion.

Quanto a lo primero la sacristia tiene una claustro pequena delante de si acompañada de algunas tablas de asta estimacion como lo diremos quando hablaremos de lo interior del monesterio es la sacristia nueva toda de canteria y de obra Dorica e Jonica con ventanas puestas en sus compartimientos muy proporcionados los quales tienen grandes y Ricas vidreras de ymagineria e figuras de la uores y colores q hermocean y dan gracia a toda la pieza. Tiene por las dos uandas a lo largo sus caxones excelentemente labrados adonde ay muchos ornamentos de brocado y ricas sedas de diferentes colores de los quales hablaremos en particular y diciendo quienes los dieron. y por q lleuemos cada cosa por orden hablemos primero de lo que es mas Principal que son las Reliquias.

Primera mente tiene vna cruz de oro q pesa de quinze asta diez y seis marcos de oro el qual dio el Rey donmanuel tiene sembrados por diuersas partes setenta perlas orientales muy redondas y gruesas de manera q son mayores que camariñas. el crucifixo es de la misma manera de oro y tiene por claros tres diamantes de mucho precio y toda ella estallena de figuras de arto y relieve y de esmalte finisimo tiene endonde se harman los brazos y la cruz embacio que sirve de relicario adonde estaua pedazo del madero de la sancta vera cruz y tiene colgada como yo uide vna columna de cristal dentro de la qual esta vna espina de la corona del saluador y tambien tiene otro joiel de oro dentro del qual esta otra espina. Y ten cuelga desta cruz otra pequena de oro que a costumbraua traer el memo Rey donmanuel y en ella esta otro pedazo de la sancta vera cruz.

(Continua).

TOMAR

Comunicação do Socio G. Teixeira na sessão de 27 de Dezembro de 1919

Levam-me a fazer esta comunicação sobre a cidade de Tomar e os seus monumentos, o desejo de chamar a atenção desta associação sobre a importância do estudo arqueológico desta cidade para o estudo de história pátria, e ainda chamar a sua atenção para os trabalhos já realizados pela *União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*.

Tendo sido aquela cidade, durante séculos, a séde das duas mais importantes ordens militares portuguesas, não podia deixar de ser importantíssima a sua riqueza epigráfica e, o que ainda hoje nos resta, depois das devastações produzidas pelo tempo e pelos homens, especialmente nos reinados de D. Manoel e de D. João III, em que foram arrasados os tumulos de Santa Maria e de outras igrejas, o que hoje ainda se mostra, fora dos soalhos das igrejas, é muito importante. Para dar disso uma amostra cito o epitáfio de Nuno Gonçalves de Meira, na capela da quinta de Santo António de Pegões, hoje transformada em adega, que, apesar de se achar já citado numa coleção manuscrita da bibliotéca da Academia de Ciências de Lisboa, com incorrecções e faltas, vem lançar bastante luz sobre o ponto assaz controvertido da época da primeira descoberta das Canárias.

Também se torna necessario corrigir muita coisa do pouco que se tem escrito sobre Tomar. Citarei apenas algumas incorrecções que se lêem nas *Inscrições Portuguesas*, de Luciano Cordeiro, e que têm sido causa de erros de autores que nelas se têm fundado. Para o comprovar citarei a conhecida inscrição do Almourol, que ali vem apresentada com mais de uma dezena de erros, a começar na errada indicação de que foi trazida de Almourol, quando de lá apenas foi copiada, e a acabar na transformação da palavra *Suldan* em *Sidan*.

Ainda ali se vêm incorrectamente lidos o epitáfio de D. Gil Martins onde a frase «*E quem mais quiçer saber, cate as outras eras*», vem lida como «*Com êle mais ossos são*», e o epitáfio dos Amos do Infante.

Passarei agora a relatar alguns dos principais serviços já prestados pela *União* aos monumentos de Tomar.

Em 1918 tratou-se de salvar a capela de S. Lourenço, cujos materiais já tinham sido oferecidos à venda.

Esta capela, situada à entrada da Cidade, foi feita por Aires do Quental no primeiro quartel do século XVI. Segundo a tradição, e nada a contradiz, comemora, assim como a coluna-padrão, que se lhe acha contígua, a junção naquele local dos exércitos de D. João I e de seu condestavel D. Nun'Alvares, nas vespersas de Aljubarrota. E' pois um monumento histórico comemorativo da mais gloriosa página da nossa historia.

Por subscrição aberta na cidade, promoveu-se a sua reparação e consolidação assim como a colocação de uma lápide explicativa dos factos comemorados.

A sua inauguração fez-se modesta mas solénemente no dia 10 de Agosto de 1918.

O telhado da igreja de Santa Maria dos Olivais, matriz de todo o nosso Padroado, e ainda hoje séde oficial da freguesia de Tomar, metia agua em abundância, e ameaçava pelo apadrecimento dos madeiramentos, fazer ruir a cobertura num futuro próximo.

A *União* obteve a concessão de importante verba para a sua completa reparação, já concluida.

Igual serviço prestou para a cobertura da igreja de S. João Baptista, onde se acha a pia batismal da freguesia, encontrando-se a obra em andamento.

Nesta igreja, havia 8 quadros metidos na talha do altar-mór. A sua conservação era má, mal se percebendo os seus assuntos e um dêles achava-se quasi inutilizado devido à luz solar que sôbre ele incidiu durante muitos anos.

Tendo-se obtido que fossem sucessivamente restaurados por conta do Estado pelo distinto pintor Sr. Luciano Freire, ao ser retirado o mais damnificado, viu-se que era a porta de um grande triptico, tendo pintado no verso um S. João Evangelista, a claro-escuro, de tamanho natural. Esta descoberta fez logo prever que o quadro fronteiro seria a outra porta do triptico, que provavelmente foi durante seculos o retabulo do altar-mór. Esta suposição já foi confirmada, quando êste ano foi retirado um quadro, apresentando no verso um Santo André.

O grande quadro que se acha na sacristia, deve ser, pela analogia da pintura e do assunto, o centro do tríptico, ao qual faltam comtudo uma tábua de cada lado.

A parte central representa o Baptismo, e as duas portas as Bodas de Caná e a Tentação de Cristo.

A *União* chamando a atenção da cidade sôbre a sua obrigação moral de adquirir uma condigna moldura em que se coloque o tríptico que, depois de restaurado, será um dos maiores de um dos nossos primitivos, ainda não identificado, abriu uma subscrição, na qual figura a Câmara Municipal de Tomar com a quantia de 100~~00~~, tendo a subscrição atingido já a verba necessaria.

Dizendo o Padre Carvalho na sua corografia que o retábulo da capela-mór daquela igreja fôra dado por Pero Afonso, contador da ordem de Cristo, pelo que lhe fôra dada a referida capela por carta de 1467, e embora o tríptico agora encontrado seja do comêço do seculo XVI, julguei interessante seguir esta pista e para isso fiz levantar parte do soalho da capela, tendo encontrado, não o carneiro da família de Pero Afonso, mas sim o da família de Martins Corrêa da Silva, um dos capitães-môres de Ceuta.

E' fechado por um lápide curiosa não só pela sua inscrição, como pela sua grandesa, pois mede 2,^m95×1,^m40.

Nêste carneiro se acham também os ossos de Henrique Corrêa da Silva, cuja lápide do antigo sepulcro se acha embutida no interior da parede da torre.

Tem sido, evidentemente, para o Convento, que tem convergido os principais estudos da *União*.

Um dos resultados dêstes estudos foi o encontro na Colecção Pombalina da Bibliotéca Nacional de Lisboa, de um precioso códice manuscrito, infelizmente incompleto, e onde se faz um interessante estudo da Ordem de Cristo.

Não se conhece o seu autor, faltando o rosto e as primeiras 50 fls; foi escrito em espanhol, por pessoa que acompanhou Filipe 2.^o de Espanha a Portugal, e que residiu largo tempo no Convento, tendo consultado cuidadosamente o cartório da Ordem.

As fls. que faltam tratariam da Ordem do Templo e da fundação da Ordem de Cristo. A parte que existe começa pela descrição do Convento e é uma interessantissima peça arqueológica, desfazendo muitos erros correntes na tradição e explicando alguns problemas que apresenta hoje o estudo architectónico daquele grandioso monumento.

Seguem-se as regras da Ordem e, finalmente, na ultima parte, uma história dos vários mestrados, que julgo, pela rapida leitura

que fiz, muito preciosa pela grande cópia de nomes dos principais personagens que existiram durante êsses mestrados.

Termina esta parte pela descrição das côrtes realizadas para o juramento de Filipe II, muito mais completa do que a de Herrera.

A *União* procura publicar êste manuscrito nos seus anais, pelo menos nas partes mais interessantes.

Além de se ter conseguido desalojar da parte monumental, as fôrças que ali faziam quartel, procura-se obter a reposição de objectos pertencentes ao Convento e que andam espalhados, alguns por locais ainda não conhecidos.

Isto demanda estudos prévios e alguns já foram realizados, com respeito aos objectos de ouro e prata, feito especialmente nos registos da Casa da Moeda, e com respeito aos quadros em vários autoretos e nas arrecadações do Museu de Arte Antiga.

Muito já se obteve, especialmente sôbre os quadros da Charola, tendo-se identificado 7 dos 16 principais que ali faltam. Infelizmente, de 4 apenas aparecem bocados, o que é para sentir por todos os motivos e muito especialmente porque, a avaliar por um dos inteiros, *A Ascenção*, que o Sr. Luciano Freire diz ser do pincel de Jorge Afonso, o conjunto de todos êsses quadros constituiria um dos mais preciosos museus da nossa pintura primitiva.

Alguns objectos pertencentes ao Convento já ali deram entrada e outros estão pedidos. Entre os primeiros cito quatro grandes livros do côro, manuscritos.

Buscas e estudos têm também sido feitos no monumento. Assim, a janela da fachada sul que desde há séculos servia de porta de entrada da Casa do Capitulo, foi completamente posta a descoberto, patenteando se agora o seu formosíssimo peitoril e o nó do cordão que circunda o edificio, com a respectiva carranca. Por ocasião de se abrir o vão que encerrava esta carranca, encontraram-se uns desenhos e letras a carvão, feitas em uma parede caiada. Devido ao facto dêsse vão nunca ter tido comunicação com o exterior, êsses desenhos achavam-se nítidos como se tivessem sido feitos há pouco. A letra parece do século XVII e a iconografia não era menos pornográfica do que a que ainda hoje se vê em casos idênticos.

Também se começou a busca dos vestígios do claustro feito por João de Castilho, o qual foi mandado demolir para no mesmo local ser construído o claustro de D. João III, também conhecido pelo claustro dos Filipes. Aproveitando-se os vestígios de 4 colunas que ainda se viam, encontraram-se outros novos elementos daquele claustro, patenteando-se hoje todos os elementos de um arco. Embora a reconstituição nunca possa ser completa por ter completamente

sido substituída desde os alicerces à arcaria central, com os elementos já encontrados e com outros que buscas posteriores ainda hão de certamente manifestar, poder se há fazer uma idéa sufficientemente completa dêste belo claustro, certamente o mais perfeito de todos o que ali fez João de Castilho.

Tendo o Ministério do Intrução, concedido à *União*, por um decreto, a sacristia nova e o refeitório para nêles serem depositados objectos para um museu a constituir, começou-se a recolha do que foi possível obter-se por dádiva ou por depósito.

Esta escolha limitou-se por falta de tempo e recursos quasi aos objectos de Tomar, mas ainda assim pode considerar-se assaz copiosa e interessante. De fóra de Tomar, vieram objectos de Carregueiros e Cem Soldos apenas.

Avultam os objectos de interesse arqueológico, embora de futuro se pretenda dar ao museu a feição regional. O espolio sepulcral, em grande parte proveniente do adro de Santa Maria, é muito abundante e cheio de interesse artistico e epigráfico. O seu estudo não está feito, pois apenas o tempo permitiu a recolha.

A colecção de cabeceiras de sepulturas quer com a forma circular, quer com a forma rectangular, deve tornar-se uma das mais curiosas do país, pois parece que é naquela região que tais objectos tiveram, se não exclusivo emprego, pelo menos o mais generalizado, sendo hoje comum vê-las em uso nos cemiterios, algumas com indícios de uma grande antiguidade e outras manifestando serem de mais recente fabrico. O seu estudo epigráfico, (os rectangulares têm geralmente inscrições) deve fornecer elementos curiosos para o seu completo conhecimento.

Possui já hoje o museu duas belas lápides sepulcrais, uma esculpida em relevo, e outra com escultura e vestígios de inscrição, e que julgo ser de um dos mestres do Templo.

Também no museu se reuniram pedras do proprio Convento, ou sejam substituídas ou encontradas ali. Entre estas há um interessante fecho exterior da janela da fachada sul, que foi completamente destruída, por ocasião da construção do claustro de D. João III, e que é hoje o unico vestigio da ornamentação daquela janela.

Ainda devo citar três exemplares de estatuaría em pedra, um pelo menos dos quais é indiscutivelmente medieval.

No pouco que tenho dito, creio ter já chamado a atenção desta douta associação para a cidade de Tomar e para os trabalhos da *União*, parecendo-me que seria da maior oportunidade e que não deixaria de ser bem recebida pelos nossos consócios, a organização de uma excursão associativa áquella cidade, na próxima primavera,

tanto mais que os meios de transporte permitem levá-la a efeito em dois dias consecutivos, passando ali apenas uma noite.

Dessa excursão julgo que resultariam para os nossos consócios grandes elementos de estudo, e para a cidade de Tomar, os maiores benefícios.

CONVENTO DO LORETO

Junto à margem do Tejo, e quasi fronteiro ao lendário Castelo de Almourol, existia ainda há pouco, mas crêmos que já de todo desapareceu para dar logar a dependências da Escola de Aplicação de Engenharia, o convento do Loreto da ordem de S. Francisco.

Pelo que dêle ainda conhecemos, era de muito pobre arquitectura.

Nas despidas paredes da igreja, vimos ainda uma pequena lápide que provavelmente terá já desaparecido e que dizia :



ESTA CAPA
E SEPAS HE DE FRCO MAR
QVES E DE SVA M^{ER}
MARGARIDA SIM
OA E SEVS DESCE
DTES @MALGV^A MS^A
QVEREDO . 1695.

Aqui fica registada, embora não ofereça grande interesse, esta inscrição que julgo inédita.

GARCEZ TEIXEIRA.

Comunicações feitas na Sessão de 17 de Maio de 1920

Sepultura em ilhargas

Na igreja do antigo Convento de S. Francisco, em Tomar, hoje na posse da Ordem Terceira, acha-se no interior e à esquerda da porta principal, uma lapide com a seguinte inscrição :

S^A CONILHARG
AS. E CABESEIRA
S DE FR^{CO} DE ...ITO
F.^{RO} E SVA MOLHER
ANNA DA SILVA
E D SEUS FILHOS
E HERD.^{OS} E DESENDE
NTES, 1708

A lápide tem a grandeza ordinária e está colocada no solo transversalmente ao eixo da igreja achando-se enquadrada em faixas de cantaria, estreitas, como outras lápides que estão proximas.

Para ela chamo a atenção dos meus consocios, como o Sr. Dr. Felix Alves Pereira chamou a minha, pois que, sendo muito conhecidas as sepulturas com cabeceiras, parece que esta, com *ilhargas*, é de uma especie pouco conhecida, e de que se não faz uma perfeita idea.

No local onde está, não poderia ter nada a que se possa dar o nome de ilhargas, a menos que êsse nome se dê a paredes laterais, metidas no solo que, com outras duas nos topos, a que se chamariam as *cabeceiras*, constituiriam uma especie de pequeno jazigo ou carneiro.

A verdadeira data da morte de D. Lourenço Martins, mestre do Templo

Em todos os documentos de que eu tenho conhecimento é indicado o dia 1 de Maio de 1345 (E. C.) como o do falecimento de D. Lourenço Martins, mestre da Ordem do Templo. Creio que esta data é extraída da lápide que se acha na parede da capela dos Tamarães, na Igreja de Santa Maria dos Olivais, de Tomar. Esta lápide é reproduzida em «A Ordem de Cristo», do Sr. Dr. Vieira Guimarães, pela primeira vez, segundo ali se diz, e ainda nesse livro é apresentada a mesma data do falecimento do referido D. Lourenço Martins.

O exame detido da lápide, escrita em belos caracteres iniciais alongados, e de primorosa execução, levou-me à convicção que a leitura que dela se tem feito é erronea.

Os II da inscrição, apresentam a perna ora limitada por dois traços rectilíneos paralelos, ora por um traço rectilíneo e outro curvo, como se pode vêr no desenho apresentado a páginas 51 do referido livro, desenho aliás muito mais imperfeito de que o da própria lápide.

Ao ser gravada a inscrição, parece que o espaço faltou e um I do final da data, veio cair sobre os dois traços paralelos, muito delgados, que enquadram a inscrição. Como ela é pouco profunda e a pedra se acha muito limpa e de côr igual, resultou que êsse I, que tem um lado curvo, tem passado despercebido a quem tem examinado a lápide e portanto a verdadeira data da morte de D. Lourenço Martins é de 1 de Maio de 1347 (E. C.).

A Cruz Manoelina do Convento de Cristo

A páginas 141 do volume 4.º dos *Apontamentos para o Agiologio Lusitano*, manuscrito de D. Frei Caetano de Sousa que existe na Biblioteca Nacional de Lisboa (A. 2. 40 a 44) vem a seguinte indicação: «No Most.º de Thomar. — Nesta casa se conserva hũa Cruz de Ouro q̃ El Rey D. M.º lhe deu feita do p.º ouro q̃ lhe veio do Oriente com hũa pianha de filagrana guarneçada de pedras preciosas».

Este testemunho de um facto contemporaneo apresentado por um autor digno de crédito, é plenamente confirmado pelo seguinte extracto da Codice n.º 648 da Colecção Pombalina da Biblioteca Nacional, onde, quando trata das reliquias que existiam no Convento de Cristo, se diz que ali há «vnacruz de oro q̄ pesa de quinze asta diez y seys marcos de oro el qual dio elRey don Manuel tiene sembradas por diversas partes setenta perlas orientales muy redondas y gruesas demanera q̄ son mayores que camarinas. el cruzifixo de la mesma manera de oro y tiene por clavos tres diamantes de mucho precio y toda ella está llena de figuras de arto rrelievo y de esmalte finisimo tiene endonde se harman los braços y la cruz en bacio que sirue de rrelicario adonde esta vn pedaço del maderá de la sancta vera cruz y tiene colgada como yo uide vna coluna de cristal dentro dela qual esta vna espina de la corona del salvador y tambien tiene otro joiel de oro dentro delqual esta otra espina. yten cuelga desta cruz otra pequena de oro que a costubraua traherel mesmo rrey don Manuel y enella esta otro pedaço dela sancta vera cruz.»

Pelo que acabo de dizer, fica-se sabendo que o rei D. Manoel deu ao Convento de Cristo uma cruz do ouro das Índias, de primoroso lavor e de preço incalculável. E não estará isso na lógica dos factos? Não tinha aquele rei a Ordem de Cristo como o principal fautor das grandes descobertas do seu reinado? Não procurou êle sempre engrandecer aquella Ordem por todos os meios? Não alargou êle o Convento de Tomar dotando-o com dependencias de maravilhosa fábrica? Não é pois de admirar que do ouro das Índias, êle mandasse fazer uma joia para oferecer aos Freires de Cristo, e que para a fazer escolhesse os melhores artistas.

Efectivamente, por documento datado de 15 de Fevereiro de 1509, é nomeado ourives do Convento de Cristo, Gil Vicente, o grande artista da Custodia dos Jerónimos.

Este orçamento que se encontra sob o n.º 943 a fls. 20 v do L.º 10 do Registo Geral do Cartorio do Hospital de S. José, vem transcrito na integra no trabalho magistral há pouco publicado pelo Sr. Brancamp Freire sobre aquele artista, poeta e damaturgo.

Parece-me pois licito, admitir que a cruz a que atrás se fez referência é obra de Gil Vicente, tanto mais que a descrição dela feita no codice n.º 648, dá a conhecer grandes analogias com a Custodia dos Jerónimos.

Ali se veem as figuras de ouro e esmalte que tão caracteristico aspeto dão à Custodia, e, a pianha de filagrana a que se refere D. Fr. Caetano de Sousa, deve ser simplesmente uma pianha rendilhada, pois, aquilo a que hoje chamamos *filagrana*, seria absoluta-

mente impróprio para base de uma peça pesada, e também para montagem de perolas.

Esta cruz já não aparece no inventário feito em 1834.

Creio pois que a Cruz Manoelina de Tomar, é obra de Gil Vicente, e, embora nós sejamos sempre prontos a acreditar aquilo que muito desejamos, creio também que essa cruz ainda existirá porque, como todas as obras de esmalte, a sua destruição lhe diminuiria grandemente o valor.

De resto, é nossa obrigação, procurar encontrá-la, enquanto se não provar que já não existe.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edifício Histórico do Carmo

Relatório da gerência da Direcção em 1917

F. A. CARVALHO TEIXEIRA

SENHORES E CONSÓCIOS :

É direito vosso saberdes como se tem desenrolado a vida anual da nossa Associação na parte em que, mais ou menos, a Direcção interveiu. Quizeramos poder já descrever-vos a eficiência do nosso empenho em trazer um verdadeiro renascimento a este organismo tam português, não só pelos seus fins patrióticos, como ainda pelo próprio ambiente em que gravita. Evocai quem primeiro firmou estes alicerces num despenhadeiro; perscutai quais os sentimentos que inspiraram essa Figura tão nossa, mas tão grande que já não bastou a Pátria para a emoldurar, como sabeis. E recordai quem depois a recolheu a estas ruínas, quem as resuscitou e animou para viver nelas como se fôsse num palácio; e vêde as selectas antiguidades que, desde então, os nossos antecessores aqui tem reunido pacientemente há mais de meio século. Mas as preocupações da hora presente, os estremecimentos de horror com que esta conflagração infernal nos abala, a incerteza do futuro, que uma civilização tão contradictória consigo mesma nos anda preparando, enleiam e entorpecem as mais sinceras iniciativas para fazer brilhar esta colectividade.

A vida mental das nações em luta encontra-se inquinada desta seiva amarga que tudo estiola.

Vamos nos entanto folhear perante vós as páginas do nosso livro de actas, confessando-vos que iam mais longe as nossas aspirações, mas temos de tirar delas a resignação precisa para os estorvos da hora presente. Seguiremos na nossa exposição aproximadamente o processo adoptado no relatório transacto, um pouco mais simplificado porém, extratando das vinte sessões que realizamos, desde 4 de Janeiro a 3 de Dezembro, os assuntos nelas versados ou que nelas deixaram reflexos e sómente êsses.

Vida intelectual da Associação

a) — *Suas manifestações internas.*

1 — *Boletim e Relatórios escritos.*

Só podemos publicar o n.º 6 do nosso *Boletim* e esse apenas com relatórios. A crise aguda da imprensa explica suficientemente esta verdadeira penúria literária para uma agremiação de natureza intelectualística. Estão retidos originaes em mão dos seus autores na expectativa de que as actuais dificuldades não sejam sempiternas. Fazemos votos para que êsses dias cheguem brevemente, como início de uma nova época na história da Europa.

Nesse fascículo tereis visto os relatórios das nossas visitas a Evora e a Santarem. Êles consubstânciam toda a importância desses acontecimentos e confirmam brilhantemente a competência literária e tecnica dos autores desses trabalhos, nossos ilustrados consócios. E a respeito do de Santarem, cujo autor foi o Sr. Nogueira de Brito, é-nos grato consignar que o Sr. Visconde de Santarem ofereceu à Associação 50 exemplares da tiragem que do seu bôlso mandou fazer; aqui fica exarado o nosso reconhecimento.

Quanto ao da excursão a Evora, também os seus redactores, os Srs. D. José Pessanha e José Queiroz estão na intenção de mandar fazer à sua custa a respectiva separata com ilustrações do nosso consócio Alberto de Sousa. A minha situação de relator não me inibe de acentuar esta referênciã à bizzarria dos meus colegas da Direcção.

2 — *Secções de estudo.*

Entre os factos, que ecoaram no seio da Direcção, conta-se neste capítulo o do estabelecimento de uma secção nova de *Etnografia*. A Direcção, se bem que os estudos etnográficos não estivessem muito à vontade dentro do título tradicional da nossa Associação, não quiz embaraçar esta iniciativa de alguns sócios, a qual chegou a constituir uma realidade, autorizando as suas reuniões. Se essa criação se tivesse enraizado, teria sido necessário modificar o nosso nome associativo e ampliar paralelamente os intuitos da nossa colectividade. Ao seio da Direcção não chegaram porém mais écos da secção de Etnografia, o que chãmente se explica pelo facto de se

terem desabracado de nós os consócios que constituíam a mesa respectiva. Pois a êste propósito, seja-nos lícito definir a nossa maneira de pensar com a sinceridade costumada; entendemos que o carácter constitucional desta antiga Associação, gerada em 1864 ao sôpro entusiástico e patriótico de Possidónio da Silva, não deve ser alterado e neste círculo bem delimitado da Antiquidade, deve continuar a mover-se. A velha Associação dos Arqueólogos Portugueses tem ainda muitos serviços a prestar à sciência do passado em Portugal e ao património antigo subsistente, se da parte dos seus membros houver leal e dedicado espirito de integração nos fins e índole da mesma colectividade.

3 — *Sessões literárias.*

Realizou-se no dia 30 de Maio uma sessão de homenagem à memória do notável autor da História Genealógica da Casa Real, D. António Caetano de Sousa. Nela teve ensejo de patentear os seus dotes de erudito infatigável o nosso querido colega da Direcção, o Sr. Afonso de Dornelas. Foi uma verdadeira sessão académica a que concorreram representantes de outras agremiações scientificas. Estes actos dão lustre à nossa colectividade, não só pelo serviço literário que ela presta, como pela glória que lhe dá a circunstância de contar entre os seus membros quem tanto a distingue.

O nosso novo consócio, Dr. Joaquim Fontes, que só êste ano inscreveu o seu nome em os nossos registos, mas que desde terceiranista médico tinha sido solicitado para entrar na nossa Associação, prometeu-nos fazer o relato dos trabalhos para que foi convidado em Hespanha, onde explorou grutas preistóricas, e donde trouxe importante espólio. Esperamo-lo anciosamente; mas estando o nosso confrade mobilizado, a carência de tempo tem contribuido para a demora.

Desde o ano transacto nos está também anunciada uma conferência sôbre a história do Convento das Francezinhas, pelo nosso olisipógrafo consagrado, o Sr. Gustavo de Matos Sequeira. Trabalhos officiais do seu cargo tem também obstado à realização dêsse acto, que tanto interessa o nosso espirito.

b) — *Suas manifestações externas.*

1 — *Visitas de estudo.*

A incansável secção de Arqueologia Lisbonense realizou no dia 10 de Junho uma excursão de estudo a Sintra. Dessa excursão trou-

xeram os nossos consócios as mais agradáveis e elucidativas impressões, mercê das obras que ali se tem realizado, debaixo da direcção do nosso illustre consócio Sr. Rozendo Carvalheira. Visitaram também as quintas de Penha Verde e Riba-Fria. E a propósito vem agora dizer que o Sr. Guilherme Oran, digno administrador da Casa de Monserrate, ofereceu á Associação uma tradução em inglês e português da célebre lápide indiana, da qual possuímos uma reprodução de gesso no nosso Museu.

No dia 11 do mesmo mês, a visita teve por objectivo algumas dependências de S. Vicente de Fóra, especialmente o antigo jardim dos prelados. Aparte o que se nos revelou do alcance da missão do Sr. José Queiroz, a qual êle desempenha com a competência e o amor que todos lhe reconhecem, o grupo dos nossos consócios teve ocasião de presenciar o estado vandálico de abandono em que jazem os valiosos restos architectónicos daqueles jardins.

Bradar pela restauração dêsses trechos seria, na situação occorrente clamar no deserto.

Além destas visitas, ainda no dia 2 de Dezembro a Associação promoveu outra á Sé de Lisboa, onde o Sr. D. José Pessanha, depois de pronunciar uma erudita prelecção, desenvolvida com aquela proficiência e aquela castiça linguagem que todos lhe admiramos, acompanhou os visitantes, expondo diante dos diversos trechos da magnifica basilica olisiponense os problemas do seu passado e a série das suas reconstruções.

É de lamentar que não se faça de cada uma destas excursões um relatório minucioso e illustrado, como se fez por exemplo, para os arredores de Lisboa, para Évora e para Santarem. Assim, quasi se perdem os bons ensinamentos que dêstes actos colhem, na ocasião, as pessoas que a êles concorrem e em todo o caso a mais ninguem aproveitam. Ora é precisamente êste intercâmbio de conhecimentos que torna estas agremiações como a nossa, extremamente vantajosas para todos os que delas fazem parte.

2 — *A nossa representação aos Congressos.*

Uma manifestação externa da nossa vida intellectual foi a nossa representação no Congresso de Sevilha, que se realizou em Maio de 1917. Foi o Sr. Dr. Joaquim Fontes quem fez naquele Congresso a sua inscrição como representante da Associação dos Arqueólogos, tendo nós julgado do nosso dever aproveitar a oportunity de ser congressista o nosso consócio que tem já, como preistoriador, uma situação de grande relevo e autoridade. Solicitamos do nosso repre-

sentante a incumbência de apresentar aos membros daquele Congresso, mais especializados no estudo da preistória peninsular, alguns dos sílices da estação de Estoril, depositados no nosso Museu pelo relator abaixo assinado. Foi reconhecida a singularidade desta indústria, mas quanto á sua cronologia, o problema ficou no pé em que estava, por carência de elementos de confronto na Península.

3 — *Explorações arqueológicas:*

No relatório do ano passado manifestámos o nosso desejo de que a Associação pudesse empreender trabalhos archeologicos no campo. Ainda assim confessamos que não esperavamos que tam depressa esse momento chegásse. Foi pois um empreendimento que embora modesto, esperamos que, pela novidade, bem merecerá o vosso aplauso e o vosso estímulo.

Numa povoação dos arredores de Cascais, foram descobertas casualmente em Agosto de 1917 umas ruínas de tipo romano, constantes de restos de uma installação industrial, talvez para preparação de cabedais ou tecidos. E depois dísso um cruzeiro foi encontrado, servindo-lhe de pedestal o fragmento de uma ara. Aquelas ruínas foram exploradas até onde podiam ser, visto que estavam e estão ainda em parte soterradas em terrenos particulares e o Sr. Presidente desta Direcção officiou á Câmara Municipal de Cascais, entregando-lhe a guarda e defesa da parte das construções que ficou descoberta. Daquella entidade recebemos uma resposta com as melhores promessas a êste respeito, o que nos deixou o espirito desafogado, pois que, não podendo a Associação adquirir os terrenos nem zelar eficazmente a conservação dos restos encontrados, seria triste vê-los desaparecer debaixo da charrua anónima. Era Alvide o logarejo. Para o *cruzeiro da Areia*, resolveu-se substituir a pedra antiga por um massiço de alvenaria e cimento. Seria demasiado olvido não memorar os dedicados serviços que nestes trabalhos o nosso Presidente, com a sua proverbial generosidade prestou á Associação. Além das impertinentes instâncias com os proprietarios de terrenos etc., o transporte dos materiais das explorações e escavações das cercanias de Cascais, fez-se em veiculo seu, enviado de propósito áquella vila; isto representa materialmente uma despesa importante que nos foi poupada.

Parte da receita da exposição de tapêtes de Arraiolos serviu para cobrir os gastos que então se fizeram. A descrição destes trabalhos e a enúmeração das aquisições ser-vos-ão feitas oportunamente, logo que estejam coligidos todos os elementos da apresenta-

ção do assunto; podeis fiar-vos da boa vontade do relator deste documento.

II°

Vida Administrativa da Associação

Sufrerá três divisões este capítulo, assim: 1.º Museògrafia; 2.º Demografia Associativa; 3.º Administração própria dita.

1.º — *Museògrafia* :

O problema da reorganização do nosso Museu, foi versado em quatro sessões; éle é uma das nossas ideias predominantes e o pe-zadelo dos conservadores.

Como tereis visto, a sala chamada de Afonso Domingues, embora um tanto aglomerada em consequência da cópia de objectos e a falta de espaço está já mais ou menos ordenada e apresentavel. Uma notavel parte dos objectos que ela contem, estiveram antes da Exposição Olisiponense na sala de *André de Resende*, chegou a ser toda catalogada em verbetes, que estão arquivados; esperamos que o nosso serviço possa abranger os objectos agora lá existentes, que são muito numerosos, e alguns de alto significado arqueológico; as peças lá expostas notabilizavam qualquer museu, mas o catalogo contribuirá para mais as valorizar; deve notar-se que é uma colecção homogenea que abrange periodos determinados da arqueologia.

Á sala de Possidonio da Silva, onde agora avultam dois tumulos medievais, também se deu já uma arrumação sumária que não fatigasse os olhos dos visitantes. No resto do Museu, a distribuição dos objectos é bastante provisória, mas o aumento dos visitantes reflecte comprovadamente o interesse crescente do público. Para corresponder a este favor é urgente melhorar a disposição de tudo, torná-la definitiva e elaborar um catálogo que possa ser útil e instrutivo.

Durante a exposição de Tapêtes de Arraiolos, tivemos de conservar o Museu vedado ao público, porque assim o exigia o trabalho de remoção dos mostradores, mas a receita granjeada com aquele certame decerto nos absolve daquela restrição.

Durante o ano de 1917 o nosso Museu foi augmentado com alguns objectos, embora se malograsse a tentativa para obter os velhos sinos de S. Bento da Saude e ainda não tivessem entrado os restos architectónicos da porta lateral da igreja das Francezinhas, em demolição, os quais nos foram prometidos. De Lisboa foi adquirido um fragmento de pilastra com labores do Renascimento; uma

cabeceira de sepultura que existia em uma casa da Cruz da Pedra; dois livros corais do antigo convento de S. Bento em Arcos de Valdevez e um quadro com um fragmento do ataude que conteve os restos mortais de Almeida Garrett, o qual quadro nos foi oferecido pela sociedade do nome do seu patrono.

Uma pequena conquista de espaço, foi a de um recanto na sala de André de Resende, assinalado por uma porta ogival da primitiva construção da igreja de Nossa Senhora do Vencimento. Por essa passagem se fez durante a Exposição de Tapêtes a serventia para a sala grande que era utilizada para camarata da guarda republicana; foi-nos cedido esse pequeno recinto, que se de facto não trouxe senão um alargamento mínimo do Museu, nos restituiu por assim dizer mais uns palmos do histórico edificio tam querido para vós e isso não podia ser indiferente ao sentimento com que veneramos a nossa casa paterna. Devemos isto aos bons esforços dos nossos colegas da Direcção os Srs. D. José Pessanha e José Queiroz.

Tendo o Sr. José Queiroz feito uma visita official à capela de Santo António da Convalescença e observado ali algumas campas brazonadas, a Direcção ficou de sôbreaviso para as solicitar se se tratasse ulteriormente de a demolir.

2.º — *Demografia Associativa:*

Respeitantemente ao movimento de sócios, consignamos que entraram para a nossa agremiação três novos associados, que decerto pela sua dedicação e esclarecido espirito vão contribuir para o lustre dela. Tivemos de negar o parecer a um candidato, o que fizemos, dentro dos Estatutos. Era um procedimento melindroso, mas que por isso mesmo não foi adoptado sem razões seguras e provas concretas, constantes de documentos officiaes publicados.

A nossa Associação tem de ser um corpo homogéneo e bem-quisto, e, sem que os seus agremiados preencham condições de rigorosa selecção, não pode ella continuar a singrar na rota bonançosa e digna, que é o dogma do seu tradicionalismo.

Em atenção aos serviços e atenções com que nos distinguuiu o Sr. General Correia Barreto, quando comandante da Guarda Republicana, foi este illustre militar eleito *Benemérito* da Associação.

3.º — *Administração propriamente dita:*

Na nossa sessão de 27 de Junho tratou-se de um assunto que reputamos de grande importância administrativa; foi o de inventa-

riar todos os objectos que pertencem à Associação, não só os que constituem propriamente o Museu permanente mas o mobiliário completo, os livros, etc. Já em sessão de 24 de Junho de 1915 se havia feito uma distribuição por diferentes sócios dos trabalhos parcellares de inventariação e debaixo desse programa já se inventariaram alguns grupos de objectos. Cada vez se acentúa mais a necessidade de insistir nessa providência e levar a cabo essa tarefa. Mas as circunstâncias evoluíram e houve de se fazer nova distribuição de trabalhos e assim ficaram :

Os Srs. : Conde de Castro e Sola e J. Rodrigues Simões, para o inventário da *Biblioteca e Arquivos*;

Os Srs. : José Queiróz e Mena Júnior para o dos *móveis e utensílios*;

O Sr. Afonso de Dornelas para o de *Heraldica — Epigrafia Portuguesa*;

O Sr. José Queiroz para o da *Cerâmica e Escultura de madeira*;

O Sr. Ferreira Braga para o da *numismática*;

Os Srs. : D. José Pessanha, Mena Júnior e Jerónimo Ganhado para o de obras de *escultura de pedra, tumulos e fragmentos architectónicos*;

O Sr. Matos Sequeira para o de *Diversos*.

E o relator abaixo assinado para o da *prehistoria e arqueologia romana*.

São certamente penosas estas tarefas, mas a quem havemos de as entregar senão aos nossos confrades e podeis notar que os membros da Direcção não se eximem a estes encargos sociais. Os inventários são a base dos catálogos por um lado e a segurança da parte mobiliária por outro; basta esta consideração para mostrar a necessidade de não protelar indefinidamente estes trabalhos. Sem catálogo, o Museu não é útil para ninguem.

Outro assunto, que nos não pode esquecer, é o das obras de que o edificio carece ou para a sua conservação ou para melhoria das instalações. Na verdade temos insistido perante o Sr. engenheiro Director Geral, Cordeiro de Sousa e o Sr. Architecto, António do Couto, na necessidade de obras ainda não levadas a cabo, como a canalização das águas, a pintura de madeiras, e nas naves exteriores a construção de uns socalcos junto das paredes e dos pilares, destinados à melhor colocação da parte lapidar do Museu.

Apesar das instâncias e das recomendações a favor dos nossos desejos, vemo-nos ainda longe da eficiência dos nossos empenhos; todos sabem as dificuldades com que se esbarra no período actual,

mesmo quando ha da parte das estações officiaes, inegavel boa vontade, como temos averiguado que há no caso que nos interessa. Continuaremos a nossa campanha de proseguição para que alguma coisa se faça e algo se fará, atendendo ao desinteresse das vossas solicitações e a dedicação daqueles funcionários.

Indirectamente também a mobilisação do exército nos arrebatou se bem que temporariamente, um colega querido, o Sr. Bettencourt, nosso tesoureiro, que teve de se ausentar para Paris em serviço da Cruz Vermelha, onde desempenha as funções de commissario, em consequência do que pediu a sua demissão. Foi com grande contrariedade que tivemos de obtemperar aos desejos do nosso collega da Direcção, em cujo seio faz verdadeira falta, não só pelas suas qualidades pessoais, como pela distincção com que exercia o seu cargo. Não está ainda preenchida a vaga, mas esperamos que o digno sócio que ultimamente convidamos não se recuse a este encargo.

Ainda não terminamos o que queriamos dizer deste nosso companheiro de trabalho; é que lhe deixamos consignado nas nossas actas um voto de louvor por ter oferecido gratuitamente à Associação a bandeira que pela vez primeira em 1916 tremulou sobre a fachada das nossas impressionantes ruínas.

III

Factos diversos

Percorremos neste último capítulo os successos que menos se adaptam às categorias anteriormente expendidas e contudo ecoaram nas actas das nossas sessões, porque, nunca é demais dizê-lo, estes relatórios não são a crónica geral da Associação. E contudo os actuais estatutos não previnem esta falta; não existe um documento em que se compendie e archive annualmente a vida desta colectividade em todas as suas manifestações.

A vossa Direcção outorgou todas as facilidades à Commissão de Nun'Alvares eleita em Assembleia Geral de 23 de Outubro de 1916 e instalada em 7 de Fevereiro de 1917; ficou autorizada a reunir-se uma vez por mês. Na sua primeira sessão, resolveram os respectivos membros, Sr. Dr. Alfredo da Cunha, Rozende Carvalheira, Afonso de Dornelas, Matos Sequeira e Luis Betencourt representar ao governo no sentido de se construir sem demora no edificio da Batalha um túmulo-monumento ao inclito português. Como sabeis, essa iniciativa não tem ganho senão actualidade com o desenrolar

dos sucessos visto que o assunto andou debatido na imprensa a propósito da trasladação das ossadas do nosso Santo nacional. Em 24 de Junho realizou-se a sessão comemorativa do nascimento de D. Nuno, para a qual foram convidadas as agremiações scientificas, tendo decorrido com aquele solene brilhantismo que é do conhecimento de todos e que deve ter enchido de satisfação o nosso colega Afonso de Dornelas, autor desta generosa cruzada.

Já no relatório do ano derradeiro nos referimos com merecidas palavras à exposição de tapetes de Arraiolos, porque alguns factos que a precederam tinham tido já aqui em 1916 repercussão; mas a sua abertura ao público deu-se só em 1917, com a presença do Chefe de Estado de então. O que foi essa exhibição de uma das nossas mais encantadoras industrias domésticas di-lo a elevada cifra de visitantes que ela atraiu ao nosso edificio e o copioso número de catalogos que foram adquiridos; o que, atendendo à receita que para a Associação proveio, dá fundamento às facilidades que proporcionamos a essa iniciativa artistica dos redactores da *Terra Portuguesa*, secundados, dentro da nossa casa, pelo zelo e criterio artistico do Sr. José Queiroz, nosso colega da Direcção.

A vossa Direcção auctorizou também que fôsse impressa uma representação que a secção de *Arqueologia Lisbonense* resolveu dirigir à Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa para a expropriação das casas da Rua do Cego e Largo de Santo André, o que seria o meio de evitar que essas antigas e caracteristicas construções fossem demolidas. Essa representação foi entregue por uma comissão de que fazia parte o illustre Sr. Presidente desta Direcção, obtendo um entusiastico acolhimento.

Por intermedio do nosso distinto consócio Dr. Joaquim M. Fontes foi informado o Sr. Presidente de que a Camara Municipal de Melgaço, projectava demolir uma das portas da antiga fortificação daquela vila. Imediatamente Sua Ex.^a participou o caso ao Sr. Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia do Porto, particular, e oficialmente e logo Sua Ex.^a oficiou ao Presidente da Camara e ao Administrador do concelho de Melgaço, para que tal atentado não se perpetrasse.

Por último, resta-nos uma funebre referéncia. Em 5 de Março falecia o sr. dr. Manuel de Arriaga, que fôra respeitado e bemquisto Chefe de Estado. Não só pelas suas elevadas qualidades pessoais que o tornaram alvo de uma sincera veneração, mas porque foi ele que inaugurou a Exposição Olisiponense e mais do que uma vez a visitou, a Direcção entendeu que devia nomear uma deputação para desanojar o nosso querido colega de Direcção, o sr. dr. Xavier da

Costa, genro do illustre morto. No funeral também esta Associação se fez representar por outro membro da Direcção o sr. Luís Betencourt. Na acta da Direcção de 6 de Março ficou consignado o unanime voto de sentimento pelo trespassso daquelle que fôra o primeiro Magistrado da Nação.

Eis senhores consocios os factos que tiveram repercussão no ambito dêste corpo gerente. São muitos dos que occuparam esta Associação e como não é possível desejar que o relatório da Direcção se confunda com um da colectividade e o absorva inteiramente, o que seria deslocar os assuntos, permite-me fazer votos para que nos novos Estatutos se estabeleça uma providência que importe a confecção de um relatório das Assembleias Geraes, o que contribuirá para desengrossar o que pertence apenas à Direcção, sem deixar de faltar um documento que trace ano por ano a historia desta Associação.

Relatório da Comissão Revisora de Contas em 1917

SENHORES E CONSÓCIOS :

Temos a honra de apresentar à consideração de V. Ex.^a o resultado da comissão revisora de contas da gerência do nosso Tesoureiro, durante o ano de 1917.

Pelo exame da receita e despesa e mais documentos, verificamos que a receita geral foi de Esc. 948#43, junto ao saldo do ano anterior Esc. 169#51 prefaz o total de Esc. 1.117#94.

No computo da receita está incluída a verba de Esc. 376#65, proveniente de 50 % da receita da exposição de tapetes de Arraiolos.

A despesa foi de Esc. 728#01.

No computo da despesa está incluída a verba de Esc. 233#60, também proveniente de 50 % de gastos com a referida exposição do tapêtes de Arraiolos.

Os lucros líquidos da exposição de tapêtes de Arraiolos foram de Esc. 143#05.

Saldo que passa para o ano de 1918. Esc. 389#93.

Acompanha êste relatório nota elucidativa sôbre o movimento dos sócios.

No exame das contas, documentos e sua escrituração teve a vossa Comissão a melhor prova da competência e boa vontade do nosso ilustre consócio, como Tesoureiro e entendemos propôr:

1.º Que seja aprovado o relatório e contas da gerência do Tesoureiro do ano findo de 1917;

2.º Que na acta da sessão da Assembleia Geral seja exarado um voto de louvôr ao Ex.^{mo} Consócio pelo inexcédível cuidado e exatidão com que estão elaboradas e escrituradas as suas contas.

Museu do Carmo, em 31 de Dezembro de 1917.

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A Comissão Revisora de Contas

JESUINO ARTUR GANHADO

MANUEL FRANCISCO DE BARROS, Visconde de Santarem

CARLOS DA SILVA CARVALHO.

GERENCIA DE 1917

SENHORES E CONSÓCIOS :

Satisfazendo ao preceituado no n.º 3 do artigo 48.º dos Estatutos desta Associação, cumpre-me apresentar a V. Ex.^a o resultado da Receita e Despesa, relativa ao ano findo de 1917 :

Receita :

Saldo do ano anterior	169	751	
De cótas sociais	344	750	
De diplomas e medalhas distintivos	33	700	
De bilhetes postais do Museu	10	766	
De boletins e publicações da Associação	42	782	
Entradas no Museu : Pessoais	128	700	
Entradas no Museu : Família	5	780	
De Catalógos especiais n.ºs 42, 43, 44 e 45 ..	6	700	
Abatimento na aquisição de uma pedra da renascença	1	700	
De 5o % da receita da exposição de tapêtes de Arraiolos	376	765	1.117
			794

Despesa :

De ordenados, gratificações e percentagens ao cobrador.....	336 7 62	
De expediente, iluminação, sêlos de verba e despesas miudas.....	89 7 49	
Explorações archeologicas feitas pelo Dr. A. Pereira e compra de peças para o Museu..	68 7 30.	
De 50 % da despesa da exposição de tapêtes de Arraiolos.....	233 7 60	728 7 01
Saldo para o ano de 1918.....		<u>389793</u>

Movimento dos Sócios em 1917**Existiam em 31 de Dezembro de 1916**

Sócios effectivos residentes em Lisboa.....	67	
» » » fora de Lisboa.....	7	74

Admitidos em 1917

Sócios effectivos residentes em Lisboa.....	10	
» » » fora de Lisboa.....	4	14
<i>Soma</i>		88

Despediram-se 4 4

Existiam em 31 de Dezembro de 1917 84

Resumo dos Sócios effectivos

Residentes em Lisboa.....	73	
» fora de Lisboa.....	11	
<i>Soma</i>		<u>84</u>

Associação dos Archeologos Portugueses, em 31 de Dezembro de 1917.

O Tesoureiro,

(a) LUÍS DE ALBUQUERQUE BETTENCOURT.

Relatório da gerência da Direcção em 1918

SENHORES E CONSÓCIOS :

Compete-nos dar conta dos nossos actos de gerência na sua multiplice variedade durante o ano transacto, derradeiro do nosso trienio.

Caros consócios : no mar parcelado da sociedade portuguesa, são os dourados bateis da paz, nos quais rumorejam as companhas da Arte e da Sciência, nos quais se alistam as tripulações de estudo e de ensino, são esses os que mais indevidamente sofrem com os baldões destas vagas turbulentas e alterosas, que nos ocultam os horisontes intellectuais com que sonhamos. As náus resfolgantes dos desavindos, vêmo-las passar junto do nosso batel, não scintilantes com a branca espuma que é o afago da onda serena, mas tintas pela salsugem cruenta das pugnas fraticidas ; tumultúa lá dentro a multidão aguerrida dos classiários ; o estrondo da luta, o vosear do alvorôto impregnam o ar denso ; tudo em redor estremece ; tudo é sacudido ; nada se furta a esta trágica e esteril tormenta !

Como podem, perguntâmos, fender a sua esteira prateada de tranquillidade as barcas imbéles, onde se inscreveram os argonautas da Sciência e da Arte ?

E' contudo no ambiente convulsjonado dêste quadro, illustres consócios, que as agremiações scientificas da nossa pátria continuam a respirar, quando todos julgavamos ter atingido, pela vitória sôbre o barbaro-do-norte, recidivo, o limiar olimpico da paz.

A Direcção desta vossa casa teria decerto adiantado mais no desfiladeiro, que planeou rasgar, durante a sua gerência, para o futuro da velha Associação dos Archeólogos ; chegamos porêem ao cabo dele, insatisfeitos, se bem que com a consciência de algo termos feito e preparado bastante para o porvir.

Durante o trienio transcorrido, 35 novos sócios trouxeram à nossa agremiação o valor do seu nome e o concurso do seu auxilio estatutário e se achais mesquinho este recrutamento, que aliás não póde ser feito a esmo, reparai que de um saldo de 169⁷51 subimos ao actual de 759⁷86, sem embargo de alguns trabalhos de exploração arqueológica, que desde Possidonio não se faziam.

No museu, o progresso também se acentuou com a entrada e registo de exemplares de todas as épocas, como podereis ver nos relatórios respectivos.

Vamos seguir na nossa simples exposição, o método dos mais anos, partilhando os sucessos que ecoaram nas nossas 13 sessões de 1918 e os actos próprioamente da gerência em 3 capitulos, com as respectivas divisões:

I *Vida intelectual*; II *Vida administrativa*; III *Factos diversos*.

I

Vida intelectual

A — *Manifestações internas*:

Começaremos por dizer-vos que, em consequência da situação desfavoravel do mercado, julgámos mais conveniente às nossas finanças adiar para o ano subquente (1919), a publicação do *Boletim*.

Do illustre nosso consócio Gustavo de Matos Sequeira saiu o II volume dessa valiosissima obra: *Lisboa do terramoto*. Escusamos encarecer o mérito dêste trabalho; êle é dos que notabilizam um autor para sempre.

Esperávamos poder também ouvi-lo numa conferência ácerca do convento do Santo Crucifixo das Francezinhas; por motivos superiores à vontade de todos nós, ainda não se pôde efectivar essa audição literária.

O mesmo diremos daquela que também nos prometeu o nosso distinto consócio dr. Joaquim Moreira Fontes e que era esperada com anciedade, não só em consequência dos créditos do conferente, como do interesse do assunto: *Explorações de grutas preistoricas ao NO de Espanha*.

Reconhecemos a necessidade de fazer nova edição dos nossos *Cruzeiros notaveis* do nosso saudoso e sapiente consócio dr. Sousa Viterbo, por se acharem esgotados alguns volumes; à Assembleia Geral competia resolver em última instância e assim sucedeu.

Segundo os nossos Estatutos têm de se remodelar as secções de estudo; em consequência de respostas incompletas dos sócios, solicitados a declararem a que secção desejavam pertencer, vai a Direcção tomar o encargo de as preencher, segundo as especialidades artísticas, scientificas ou literárias dos nossos consócios. Temos fé em que as disposições concernentes às secções, que introduzimos nos nossos Estatutos, as estimularão ao trabalho proficuo.

B — *Manifestações externas:*

Tendo, no fim do ano transacto, a Câmara Municipal do Seixal pedido que um nosso consócio fôsse examinar uma lápide com leitreiro que apparecera naquela povoação, o nosso distinto colega Afonso de Dornelas tomou sôbre si essa incumbência e comunicou-nos que a lápide era um marco do seculo XVIII, mandado levantar pelo Prior do Convento do Carmo e a que já Pinho Leal se referia. Deixamos aqui exarado o nosso aplauso à iniciativa do senado municipal daquela vila, dirigindo-se à nossa Associação e oferecendo-lha.

Pretendeu-se prestar homenagem à memória de Augusto Rosa, alterando o tradicional nome à rua do Alecrim; pela secção de arqueologia lisbonense, o sr. José Queiroz, aliás admirador daquele glorioso artista, protestou contra tal lembrança, que a Direcção também reprova.

Com o intuito de defender os monumentos nacionais, quer eles sejam modelos de grandiosa architectura, quer sejam exemplares de singelas construções urbanas do passado, também a Associação, por intermédio do illustre Presidente da Direcção, se dirigiu à Comissão Municipal de Lisboa a propósito das nocivas instalações da Companhia do Gaz e Electricidade nas proximidades da Torre de Belém e da projectada demolição da casa do Pateo do Geraldês, demolição pela qual a propria Sociedade de Propaganda de Portugal tem instado.

Parece que é sestro português a facilidade com que se perpetram ou decidem vandalismos, contra os quais já a pena indignada de Alexandre Herculano despedia anátemas. Precisa a nossa Associação estar na vanguarda desta patriótica cruzada.

Em Bemfica, por ocasião de uma notavel visita que se effectuou em Julho e que nos tornou devedores à franca gentileza da senhora Marquêsã de Avila e Bolama, teve esta Associação a dôr de contemplar vandálicos atentados, tais como: a adaptação de uma torneira ao ventre de uma estatua romana de um sátiro, a que se re-

fere o inesquecido Gabriel Pereira no *Boletim*, vol. VII, pag. 7 ; o desprêso em que se encontra a fonte de Santa Catarina e dispersão de varios trechos manuelinos ; mas muito especialmente o estado de desrespeito a que foi votada a capela dos Castros, utilizada como aula de musica do Instituto dos Pupilos do Exército, sem repugnância da parte das entidades officiaes.

Trocaram-se sôbre isto officios entre o Ministério da Guerra e a nossa Associação, ficando assente que em breve se faria a expropriação da parte do edificio conventual a que pertencia a capela, para se proceder a obras e reparações. A figura do Sático foi pedida para o nosso Museu.

Uma comissão de dois membros da Direcção foi incumbida de examinar uma cripta que os jornais disseram ter sido encontrada sub-jacentemente a presumida sacristia do Carmo.

Outra, composta dos illustres Presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do sr. José Queiroz, foi encarregada de obter do sr. Provedor da Misericórdia a remoção de uns quadros, que na igreja de S. Roque, encobrem o azulejado magnifico das paredes.

Na rua Aurea, por motivo de obras, a que a casa bancaria Tota & C.^a procedia no sub-sôlo da sua séde, fôram encontrados alguns destroços ceramicos do tempo da occupação romana ; testemunhou o encarregado das obras que estavam sôbre a camada de areia branca da praia a profundidade de 6 metros ; no nosso Museu entraram um fundo de ânfora e um tijolo desta proveniência, mas outros restos se perderam e dispersaram nos entulhos.

Convidada a manifestar-se sôbre a oportunidade de um Congresso de Antropologia em Paris, organizado pelo Instituto Internacional de Antropologia, a nossa Associação prestou a sua grande adesão.

Passaremos agora aos factos da nossa vida administrativa, os quais se distribuem por três aspectos : 1.^o Museográfico ; 2.^o Demográfico-associativo ; 3.^o Administrativo propriamente dito.

II

Vida administrativa

1.^o — *Museógrafia* :

Da igreja de Salvador em Lisboa, começaram a dar entrada no nosso Museu no dia 18 de Julho as peças componentes de dois tumulos monumentais do século XVII, que já se acham reconstituídos

nas naves colaterais da velha igreja do Carmo. E além destes veio também o tumulto do arcebispo D. João Esteves da Azambuja, bispo de Lisboa, tumulto igualmente já reerguido.

Foram três aquisições de primeira ordem, porque recebendo estas antiguidades, a nossa Associação livrou-os da destruição ou dispersão; os dois primeiros representam bem o estilo da mole architectura daquele seculo, o terceiro é de uma grave simplicidade. Devem-se ao nosso chorado Rosendo Carvalheira e ao nosso querido colega de Direcção, Mena Junior, que dirigiu os trabalhos e providenciou desde o transporte gratuito para a Associação, até a sua completa reposição no Museu.

Da formosa e antiga Sintra, tão formosa como antiga, vieram algumas pedras, em que a civilização romana pusera o seu inconfundível selo. Uma e a principal foi um modesto mas característico monumento sepulcral em fórma de baú, com inscrição funebre; não tínhamos nenhum desta especie no Carmo. Com essa, vieram duas outras pedras, uma das quais é um fragmento de cornija e outra uma cantaria quadrada, com pequena cavidade, bem como um pêso de pedra, provavelmente de tempo não antigo. (1)

Foi um modesto cidadão de Sintra quem por um bilhete postal informou a Associação do achado, feito em terreno seu, no sitio da Madre de Deus, embora a lápide epigráfica viesse a ser obtida por compra, as outras fôram oferecidas e merece registo o acto patriótico do sr. Gomes da Silva. Uma filha dêste ofereceu dois ceitis encontrados no mesmo local e o sr. Francisco Roiz Rigueira doou-nos também três instrumentos de pedra polida.

Cooperaram no assunto mais uma vez Rosendo Carvalheira, que nos facilitou o transporte, o nosso Presidente, o nosso Secretário, que se encontrava ao tempo em Sintra e o nosso colega Mena Junior mais o relator desta exposição. Oportunamente será publicada uma nota técnica dêste achado, de que aliás já se tratou em uma das sessões de estudo da Assembleia Geral.

Do lugar de Laveiras de Cima, outra lápide veio com inscrição romana, aliás mutilada; é uma pedra com escavação talvez para o depósito cinerario. Encarregou-se de dirigir o transporte que desde Paço de Arcos foi pela via ferrea, o sr. Júlio Neto da Luz, a quem já endereçamos o devido agradecimento. Foi também comprada.

Em Laveiras de Baixo, encontrou o relator dêste uma grande

(1) Entraram mais uma muleta ou mão de triturador, um percutor de calhau rolado, um fragmento de *drolium* e uma pequena esfera de pedra.

inscrição romana, embebida na parede de um predio, a qual permaneceu oculta pelo reboco da construção, desde o seculo XVIII. Reconheceu-se depois de feitas instâncias para a sua aquisição, que não podia ser extraída sem risco para a segurança do próprio predio. A seu tempo procuraremos obter para o Museu um decalque da lápide, que é bastante importante. Era considerada uma lápide perdida; a ela apenas se refere Emilio Hubner, no *Corpus Inscriptionum Romanorum*, vol. II, 266 e um autor português, cujo manuscrito se conserva em Madrid (1).

Da arquitectura do seculo XVI, em estilo do Renascimento, entrou uma pedra lavrada muito curiosa, que parece ser uma base de columna com duas carrancas esculpidas, foi a solicitude do nosso collega Mena Junior que a salvou de extravio; tinha aparecido em Casias nas obras da Casa de Reforma e supõe aquele consócio que seja um destroço da casa de Dona Simôa Godinho.

Os livros corais do Convento de S. Bento em Arcos de Valde-Vez, a que se refere o relatório transacto, também já se acham no nosso Museu; um deles é muito digno de exame porque os caracteres são obtidos por moldes abertos e letra por letra e não impressos ou mesmo manuscritos.

Como resultado de trabalhos realizados em Cascais durante o verão de 1917, já se acham expostas no Museu as antigulhas encontradas que eram transportaveis, assunto êste a que se fez alguma referênciã no passado relatório. Esses objectos são: uma cantaria quadrada com ornamentação em volta, proveniente de uma grande ara romana; foi extraída de um cruzeiro no logar da Areia e substituída, a expensas da Associação, por um suporte de alvenaria e cimento.

Do logar de Alvide vieram dois pequenos fustes de columnas de liós; trechos de alvenaria romana das ruínas; três pedras de grés escavadas; um fecho de abobada de estilo manuelino, um capitel romanico, dois outros talvez do seculo XVIII e alguns fragmentos ceramicos exemplificativos.

Do logar da Amoreira veio outro fecho de abobada manuelino. Edificios desta época houve portanto nesta área dos quais parece que nenhum vestigio resta.

De Cascais procederam outros pequenos objectos, entre os quais dois machados neolíticos.

(1) E. Hubner também se ocupa dela nas *Noticias Arqueológicas*, pag. 17 e na *Arqueologia en España*, pag. 124. O Mss. referido chama-se *Lithologia Lusitana* (1750) de António José da Cunha (Mss. C. 166 da Ac. Hist. Madrid).

Um visitante, o sr. Francisco de Paula Rosado Fogaça, de Lagos ofereceu uma lucerna romana encontrada em Bensafrim em 1912 por ocasião de trabalhos na povoação, bem como dez denarios romanos e três moedasinhas de cobre romanos e outras tantas portuguesas antigas de cobre.

A Biblioteca também foi aumentada além das obras oferecidas, por outras obtidas por compra e à Direcção, que se succeder a esta, pedimos licença para formular uma recomendação, que é a de dar maior incremento, do que aquele que as circunstâncias do mercado nos permitiram, à aquisição de obras que modernizem a nossa livraria e a tornem uma atracção à leitura e ao estudo dos membros da nossa Associação.

E' esta uma das mais procuradas vantagens, que eles devem auferir dos seus donativos mensais.

2.º — *Demografia associativa* :

Deram-nos o honroso prazer de ingressarem na nossa Associação em 1918 os, ex.^{mos} srs. João Vilanova de Vasconcelos Correia de Barros, Luís Rufino Chaves Lopes, dr. Pedro Alexandrino de Sousa, dr. João Tierno, Oscar Potier e o dr. Yahuda, sócio correspondente, a cuja visita logo faremos referência.

E, achando-se em vigor os novos Estatutos, a Direcção aprovou uma proposta para que o primeiro sócio de mérito a eleger, segundo as novas disposições, fôsse o sr. dr. José Leite de Vasconcelos, antigo sócio e nome exuberantemente conhecido pelos seus numerosos trabalhos nas sciências do passado. A sua eleição realizou-se porê m já em 1919.

3.º — *Administração propriamente dita* :

Seria impossível fazer um relato circunstanciado de todos os actos de pura administração, que se praticaram no decurso de 1918; tocaremos os principais

Fez-se a 1.^a edição dos novos Estatutos, em que durante o triênio, esta Direcção trabalhou desveladamente, porque eles são de facto o resultado de demorada discussão e exame.

Parece-nos que eles têm agora um caracter mais progressivo, mais moderno e mais estimulante de trabalho. Infelizmente o estado pouco pacífico dos espiritos, na capital do país principalmente, é pouco favoravel à fructificação de certas providências; esperemos que um breve apaziguamento dê razão ás nossas esperanças.

Dos Estatutos fez-se uma limitada tiragem (200 exemplares) em consequência do preço do papel e do custo da mão de obra; pelos mesmos motivos foi deliberado levantar um pouco o preço das nossas publicações.

Mandou-se efectuar também a tiragem dos diplomas em litografia e zincografia; devidos ao talento do nosso consócio Alberto de Sousa, são belos e dão lustre à Associação.

Por efeito do preço da prata não se fez nova cunhagem de medalhas.

Desde o tempo da Exposição Olisiponense e da de tapetes de Arraiolos, tínhamos em nosso poder por empréstimo dois mostradores envidraçados de madeira de sêda, que pertenciam à Biblioteca Nacional. Pedida a sua restituição pelo senhor Director daquela casa e obtida mesmo alguma dilação, não nos foi dado conservá-los em nosso poder mais tempo, apesar das diligências empregadas. Já se encontram na posse do Estado.

Na nossa séde e em beneficio da exposição da parte lapidar do nosso Museu, continuaram, depois de breve interrupção, as obras necessarias; muito há que fazer, mesmo do que já está resolvido, como são uns socalcos baixos em volta dos pilares e junto das paredes, para que os trechos architectónicos e as lápides não pouzem no terreno, onde se consporcam. Há peças, como um *lavabo* das Francezinhas e um depósito de agua da mesma proveniência, que demandam um suporte a modo de parede, a cuja construcção se tem procedido.

Estamos em grande divida de agradecimento à memória do nosso saudoso consócio Rosendo Carvalheira e aos bons officios e dedicação do sr. Domingos Loureiro e do nosso colega de Direcção Mena Junior, por tudo se ter conseguido sem gravame para o cofre da Associação.

O nosso empregado Silva Lopes obteve deferimento a um seu pedido de aumento de ordenado; pareceu-nos que, pela sua conduta, não devíamos denegar-lhe razão e por isso elevámos a 20.000 escudos a sua mensalidade.

O antigo cobrador da nossa Associação, Ricardo José dos Reis Morais foi encontrado em alcance nas suas contas sobre a receita da cobrança dos recibos dos sócios. Resolvemos participar o caso a Assembleia Geral, tendo-se o arguido prontificado a embolsar a Associação mensalmente com a quantia de 1.750 centavos. O desfalque apurado até 31 de Dezembro de 1917 foi de 72.000 escudos; logo na primeira sessão de Direcção, realizada em 21 de Janeiro de 1918, tomou-se conhecimento do caso. Costumando a Direcção dar gratificações aos empregados por ocasião das festas do Ano Novo, o cobrador foi exceptuado dêsse beneficio, sendo demittido do seu cargo.

III

Factos diversos

Entre estes, avulta tristemente o éco, que se repercutiu no seio da Direcção, do atentado criminoso contra o 3.º Presidente da República Portuguesa, dr. Sidonio Pais. Votou-se unanimemente o profundo pesar e indignada execração por êste acontecimento abominavel.

A Direcção recebeu uma circular da comissão que em Alcobça, se organizou para erguer um monumento à memória de Manuel Vieira Natividade, que, na Arqueologia, conseguiu justificado renome. O nosso cofre subscreveu com 207000 escudos; o sr. Presidente da Direcção com a mesma quantia e entre os sôcios reuniram-se 30750 escudos; a totalidade foi enviada para Alcobça, em nome da Associação.

Contribuímos assim para o galardão prestado à memória de um filho de Alcobça, distinto não só pelos seus méritos scientificos, mas até pelos industriais.

No dia 6 de Abril, foi esta Associação honrada com a visita de um sabio israelita, o dr. Abrahão Yahuda, professor da Universidade de Madrid. O apreço em que êste homem de sciência teve o nosso Museu e as ruínas sugestivas, dentro das quais êste se acha instalado e que não lhe fôrão indiferentes, trouxe-nos uns momentos de desvanecida honra. Examinou com especial interesse as lápides hebraicas que nas nossas colecções se encontram e na sala da Bibliotéca foram-lhe mostrados estudos e traduções alusivas, umas publicadas no nosso *Boletim* e outras no *Arqueólogo Português* tomando s. ex.^a as suas notas e aceitando o ser nosso sócio correspondente, resolução que nos penhorou.

Terminaremos com a menção de um acontecimento que nos deixou as mais gratas recordações: a Exposição de Aguarelas do nosso consócio Alberto de Sousa. O merecimento artistico dos trabalhos expostos teve verdadeira consagração; já o esperavamos; por isso e por se tratar de um nosso confrade, não tivemos dúvida em ceder a nossa sala principal para essa demonstração do valor dêste distincto aguarelista,

Mas os assuntos, nos quais o pincel do sr. Alberto de Sousa se comprás em vencer difficuldades, são precisamente aqueles que mais falam do interesse proprio da nossa Associação; são os trechos architectonicos da antiguidade, são os deliciosos recantos das cidades e vilas portuguesas, são os interiores monasticos revestidos de entalhados que a luz de uma fresta polvilhe de chamas douradas... Por

isso, nesses dias de Exposição, a romaria à nossa sede foi contínua e esta Associação obteve, mesmo financeiramente, uma bôa compensação para o encerramento temporario do nosso Museu.

Concluiremos êste derradeiro relatório da nossa gerência trienal, propondo-vos :

1.º — Que nos termos dos artigos 31.º e 33.º dos nossos Estatutos procedeis às eleições dos corpos gerentes ;

2.º — Que, destinando o artigo 29.º, n.º 1.º dos Estatutos a percentagem de 50 % do saldo para o novo fundo de reserva, visto tratar-se do início dêste, adicioneis à quantia obtida daquela fôrma a necessaria para se atingir a de 50000 escudos ;

3.º — Que aos futuros trabalhos de pesquisa arqueológica preconizada pelo nosso consócio dr. Joaquim M. Fontes, a Direcção fique autorisada a destinar até à verba de 150000 escudos ;

Ainda em cumprimento do artigo 45.º e seu § 1.º tem esta Direcção a honra de propôr-vos que na Direcção futura sejam mantidos os nomes dos nossos colegas.

O Presidente

D. JOSÉ MARIA DA SILVA PESSANHA

Os Vogaes

JOSÉ QUEIROZ

ANTÓNIO CESAR MENA JUNIOR

Relatório da Comissão Revisora de Contas em 1918

EX.^{mo} SR. PRESIDENTE E DIGNOS CONSÓCIOS :

Temos a honra de apresentar à consideração de V. Ex.^{as} o parecer da comissão revisora de contas com respeito á gerência do ano de 1918.

Pelo exame das contas de receita e despêsa, e respectivos documentos, verificamos que a receita geral foi de escudos 93679, que somados com o saldo do ano anterior, escudos 38993, prefazem o total de escudos 1:32672.

Com autorização da Direcção, realizou o nosso consócio o sr. Alberto de Sousa no Museu a cargo da nossa Associação, uma

exposição de aguarelas, revertendo para a Associação 5 % da importância dos trabalhos vendidos, ou sejam escudos 120~~7~~00, quantia esta, incluída no total da receita. A despêsa foi de escudos 566~~7~~86.

Havendo um saldo de escudos 759~~7~~86, que passa para o ano de 1919.

Dêste saldo devem ser destinados a fundo de reserva, em harmonia com o n.º 1.º do artigo 29.º dos Estatutos. Escudos 37~~7~~99,3.

A comissão revisora de contas, declarando exactos todos estes numeros e perfeita a escrituração, propõe:

- 1.º — Que sejam aprovadas as contas referentes ao ano de 1918;
- 2.º — Que seja louvada a Direcção.

Edifício Histórico do Carmo, 10 de Março de 1919.

A Comissão Revisora de Contas

VISCONDE DE SANTAREM

JESUINO ARTUR GANHADO

CARLOS DE MEIRELES DA SILVA CARVALHO

GERENCIA DE 1918

EX.^{mo} SR. PRESIDENTE E DIGNOS CONSÓCIOS :

Satisfazendo ao preceituado no n.º 4.º do artigo 30.º dos nossos Estatutos, cumpre-me apresentar a V. Ex.^{as} o resumo da receita e despêsa do ano findo de 1918.

Receita :

Saldo do ano anterior	389 7 93
De cótas dos sócios	461 7 96
De diplomas e medalhas distinctivos	28 7 00
De entradas no Museu	257 7 00
De boletins e publicações da Associação....	50 7 61
De postais	15 7 38
De venda de jornais e papel de embrulho...	3 7 84
De percentagem da Exposição de Aguarelas do nosso Consócio o sr. A. Sousa	120 7 00
Soma	1:326772

Despesa :

De ordenados, gratificações e percentagem ao cobrador.....	382 ⁷ / ₄₈	
De expediente, limpesas, sêlos de verba, ilu- minação e despesas meudas.....	94 ⁷ / ₄₀	
De compra de livros	19 ⁷ / ₈₁	
De uma calça para o porteiro	16 ⁷ / ₅₀	
Compra de peças para o Museu e condução	33 ⁷ / ₆₇	
Subscrição para o monumento a V. Nativi- dade	20 ⁷ / ₀₀	
	<hr/>	
<i>Soma</i>		566 ⁷ / ₈₆
Saldo que passa para o ano de 1919		<u>759⁷/₈₆</u>

Edifício Histórico do Carmo, em 31 de Dezembro de 1918.

Pelo Tesoureiro

D. JOSÉ PESSANHA (PRESIDENTE)

Movimento de Sócios**Existência em 31 de Dezembro de 1917**

Sócios efectivos residentes em Lisboa	73	
» » » na provincia.....	11	
	<hr/>	
<i>Soma</i>		<u>84</u>

Admitidos em 1918

Sócios efectivos residentes em Lisboa	3	
» » » na provincia.....	2	
	<hr/>	
<i>Soma</i>		<u>5</u>

Demitidos

1

Existência em 31 de Dezembro de 1918

Sócios efectivos residentes em Lisboa	74	
» » » na provincia	14	
	<hr/>	
<i>Soma</i>		<u>88</u>

Edifício Histórico do Carmo, em 31 de Dezembro de 1918.

Pelo Tesoureiro

D. JOSÉ PESSANHA